



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL

TÂNIA TORRES DA COSTA

**OS PROCESSOS REFERENCIAIS AOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DE
SENTIDOS NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS**

FORTALEZA – CEARÁ
2018

TÂNIA TORRES DA COSTA

OS PROCESSOS REFERENCIAIS AOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DE
SENTIDOS NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Suelene Silva Oliveira.

FORTALEZA – CEARÁ
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Costa, Tânia Torres da.

Os processos referenciais aos personagens e a construção de sentidos no gênero memórias literárias [recurso eletrônico] / Tânia Torres da Costa. - 2018.
1 CD-ROM: 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 91 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Fortaleza, 2018.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.
Orientação: Prof.^a Dra. Suelene Silva Oliveira.

1. Compreensão leitora. 2. Referenciação. 3. Memórias Literárias. I. Título.

TÂNIA TORRES DA COSTA

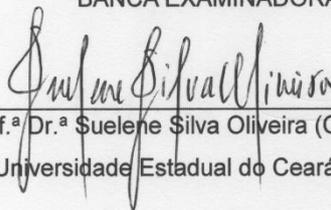
OS PROCESSOS REFERENCIAIS AOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DE
SENTIDOS NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Dissertação apresentada ao curso Mestrado
Profissional em Letras do Centro de Humanidades
da Universidade Estadual do Ceará como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

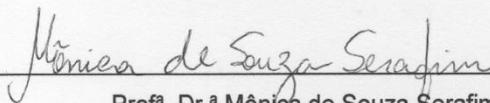
Aprovada em: 29 de maio de 2018.

BANCA EXAMINADORA



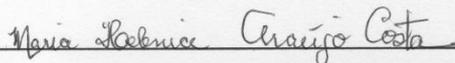
Prof.^a Dr.^a Suelene Silva Oliveira (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof.^a Dr.^a Mônica de Souza Serafim

Universidade Federal do Ceará - UFC



Prof.^a Dr.^a Maria Helenice Araújo Costa

Universidade Estadual do Ceará - UECE

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as pessoas maravilhosas que Ele colocou em meu caminho e que tanto me apoiaram para que eu conseguisse percorrer esta jornada até o final.

Aos meus filhos, Hanna Lorena, Wendel e Zariif, à minha neta Marisa e à minha nora Helenira, por preencherem a minha vida, pela torcida por meu sucesso e por compreenderem minha ausência nos momentos de lazer para poder me dedicar a este trabalho.

Aos meus pais, Evandro e Maria Ruth (*in memoriam*), por terem me dado a vida, em especial à minha mãe, que, apesar de viúva, surda e doente do coração, sempre batalhou pela educação dos filhos e, mesmo com todas as dificuldades, sempre foi exemplo de alegria, compromisso, honestidade, perseverança e amor.

Aos meus irmãos, Rommel, Daladier e Jacqueline, cunhadas e cunhado, sobrinhos e sobrinhas, pelos necessários e agradáveis momentos de convivência e pelo interesse em meu crescimento.

À minha querida orientadora, professora doutora Suelene Silva Oliveira, por sua generosidade, paciência, apoio, confiança, ensinamentos, dedicação, tolerância e doçura.

Aos professores do PROFLETRAS/EUCE, pelos ensinamentos e dedicação.

Às professoras doutoras Maria Helenice Araújo Costa e Mônica de Souza Serafim, por aceitarem participar da minha qualificação e da defesa, contribuindo com valiosas e imprescindíveis sugestões ao longo de toda a elaboração deste trabalho.

Aos colegas de turma, pela convivência preciosa e aprendizado, especialmente às companheiras de equipe, Jaqueline e Mônica, que se tornaram amigas indispensáveis pelo resto da vida e que estiveram sempre presentes nos momentos mais difíceis.

Às amigas da Escola Reitor Pedro Teixeira Barroso, pelo incentivo para participar do PROFLETRAS, em especial à amiga de todas as horas Neiva Jucá, por sua grande generosidade e bondade.

Aos amigos professores da Escola Dolores Alcântara, pelas palavras de incentivo nas horas de desânimo.

À direção da escola, pelo apoio e pela permissão para a realização da pesquisa.

Aos alunos, pelo consentimento em participar da pesquisa e pelo carinho com que me acolheram.

À amiga Flávia, por seu carinho, apoio, amizade e muitos empréstimos de livros.

À CAPES, pelo suporte financeiro para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos que contribuíram para a execução deste estudo, obrigada!

“Meu pai sempre dizia: não levante a sua voz, melhore seus argumentos.”

Desmond Tutu

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar como acontece o processo de referenciação aos personagens e sua contribuição no processo de compreensão de textos do gênero Memórias Literárias. Partimos do princípio de que todo texto é incompleto. No contexto encontramos pistas do seu conteúdo, mas é necessário considerar sua implicitude também. Além disso, para que a compreensão leitora aconteça de forma proficiente, é imprescindível a participação do leitor que, com seu conhecimento prévio, seu conhecimento de mundo e suas vivências, constrói o sentido do texto. O referencial teórico que serviu de alicerce para este trabalho tem como destaque estudos de Mondada e Dubois (2003), Koch e Elias (2006), Costa e Cavalcante (2009), Cavalcante (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Oliveira-Nascimento (2014), Koch (2015) dentre outros. A pesquisa foi realizada com uma turma da EJA Jovem IV, correspondente ao sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental, através da análise dos processos referenciais e sua contribuição na construção de sentido, com enfoque na referenciação aos personagens em textos do gênero Memórias Literárias. A metodologia aplicada foi a pesquisa-ação, com leitura discutida e resolução de atividades referentes a cada texto, dos quais dois, um no início e outro no final, foram respondidos individualmente pelos alunos para que fosse feito um comparativo dos acertos das questões envolvendo a percepção e a caracterização dos referentes. As atividades com estratégias de referenciação foram úteis para mostrar aos alunos diferentes formas para se construir um projeto de dizer e para estimular o interesse pela leitura nos alunos.

Palavras-Chave: Compreensão leitora. Referenciação. Memórias Literárias.

ABSTRACT

This research aims to analyze how happens the referentiation process to the characters and its contribution in the process of understanding texts of the genre Literary Memories. We start from the principle that every text is incomplete. In the cotext we find clues of its content, but it is necessary to consider also what is implicit. Besides that, in order for reading comprehension to take place in a proficient way, it is imperative the reader participation that, with his prior knowledge, his knowledge of the world and his experiences, builds the meaning of the text. The theoretical framework that served as a foundation for this work has as outstanding the studies of Mondada and Dubois (2003), Koch and Elias (2006), Costa e Cavalcante (2009), Cavalcante (2013), Cavalcante, Custódio Filho and Brito, Oliveira-Nascimento (2014), Koch (2015) among others. The research was carried out with a group of the EJA Jovem IV, corresponding to the sixth and seventh years of elementary school, through the analysis of the referential processes and their contribution in the construction of meaning, focusing on the reference to the characters in texts of the genre Literary Memories. The methodology applied was the action research, with discussed reading and resolution of activities related to each text, of which two, one at the beginning and one at the end, were individually answered by the students in order of make a comparison of the correct answers of the questions involving the perception and characterization of referents. The activities with referential strategies were helpful in showing students different ways to build a project to say and to stimulate interest in reading in students.

Keywords: Reading. Referencing. Understanding.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	CONCEPÇÕES DE TEXTO.....	17
3	CONHECIMENTO E PRODUÇÃO DE SENTIDO.....	21
4	MEMÓRIAS LITERÁRIAS.....	25
5	REFERENCIAÇÃO.....	28
5.1	OS PROCESSOS REFERENCIAIS.....	32
6	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	37
6.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	37
6.2	<i>CORPUS</i> ANALISADO.....	38
6.3	DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS E CAMPO DE PESQUISA.....	39
6.4	SEQUÊNCIA DE AÇÕES CONCERNENTES À INTERVENÇÃO.....	40
6.4.1	Proposta de atividades com os processos referenciais e a construção de sentido no gênero Memórias Literárias.....	43
6.5	ANÁLISE DOS DADOS.....	68
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERÊNCIAS.....	80
	ANEXOS.....	83
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	84
	ANEXO B – FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS.....	87
	APÊNDICES.....	88
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO.....	89
	APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO A ESTUDANTES.....	90
	APÊNDICE C - TERMO DE ANUÊNCIA.....	91

1 INTRODUÇÃO

A maneira como vemos, analisamos e interpretamos o mundo está relacionada a nossa experiência de vida, cultura, ideologia, ou seja, a forma como ele nos foi apresentado ou compreendido por nós. Isso significa que, embora ele seja único, cada um de nós o vê por seu próprio ponto de vista, assim, ao nos expressarmos, estamos dando nossa versão do mundo, estamos recriando a realidade, o objeto do discurso que tem como referente o real.

Se podemos mudar nosso ponto de vista sobre determinado assunto a cada novo dado recebido ou percebido, significa que não há estabilidade no mundo, nem mesmo em nossas mentes. Desse modo, mesmo um texto escrito, portanto aparentemente estável e com uma compreensão autorizada pelo cotexto, será analisado de forma diferente dependendo da pessoa, da cultura e da época em que for lido. É por essa razão que os linguistas veem os textos como produções sociais historicamente situadas que dizem muito a respeito de nossas crenças, atividades, práticas, ideologias, relações interpessoais e identidades.

Neste cenário, a leitura tem o poder de ampliar nossa percepção de mundo porque nos põe em contato com outras vidas e histórias; é como se víssemos o mundo pelo ponto de vista de outras pessoas que, através de seus textos, vão revelando suas perspectivas. Perceber a existência de múltiplas ideologias imersas nos textos depende do desenvolvimento da competência leitora, e esta depende do domínio de estratégias textual-discursivas, dentre as quais se destaca a utilização dos processos referenciais que “permitem aos sujeitos (re)construírem os objetos relevantes para a concretização dos seus objetivos” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p.11).

A referenciação permite que os alunos percebam o porquê da escolha de cada palavra em detrimento de outras, facilitando uma melhor compreensão da intenção do autor, do jogo de poder, das entrelinhas e até do que é possível inferir pelo texto, mesmo sem a intenção do autor em revelar explicitamente. Ler e compreender são habilidades distintas, pois uma pessoa experiente pode compreender um texto lido por outra pessoa sem necessariamente dominar o código escrito, assim como uma pessoa pode ler um texto específico de uma área do conhecimento e não o compreender.

A leitura tem muitas finalidades, tais como: divertir, informar, comunicar, entreter. Lemos, sobretudo, para aprender a ler com autonomia e, assim, aprender sobre o mundo, a natureza e as pessoas através das informações que o mundo nos apresenta. Mas não basta apenas ler, existe a necessidade de uma leitura crítica, pois cada texto tem uma intenção que nem sempre é percebida. Alguns textos são usados para manipular as informações e outros possuem cargas de valores sociais e humanos que têm muito poder sobre o leitor. Conforme Koch (2003), cada texto é a representação de um projeto de dizer de seu autor e possui uma intenção, um posicionamento ou uma perspectiva da realidade, ou seja, ele pode ser uma forma de persuasão e, em alguns casos, manipulação do que tenta revelar como verdade incontestável, ideias contrárias ao senso comum.

Para que o aluno tenha autonomia de seu aprendizado é necessário que ele saiba não apenas ler e compreender aquilo que lê, mas que seja capaz de perceber o posicionamento do autor e decidir se concorda ou não com esse posicionamento. Tudo isso evidencia a importância de se trabalhar a referenciação, pois ela engloba mais que a recuperação de um referente, indica o direcionamento argumentativo e expressivo pretendido pelo autor, e o conhecimento de como utilizar as estratégias de referenciação é importante para melhorar a competência em compreensão leitora, intuito maior desta dissertação.

Para assumir a palavra e produzir textos em situações de participação social, como orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), os alunos precisam desenvolver, no âmbito da escola, a capacidade de compreender textos orais e escritos, para, assim, serem capazes de produzir textos nas situações mais variadas e, ao longo do Ensino Fundamental, precisam, ainda, adquirir uma competência em relação à linguagem para resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado. Ao ensinar os diferentes usos da linguagem, está se propondo o desenvolvimento da capacidade construtiva e transformadora; para isso cabe à escola promover a ampliação dos níveis de conhecimento prévio do aluno a fim de que ele se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulem socialmente.

Os dados de indicadores oficiais, tais como: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), entre outros amplamente divulgados no País nos últimos anos, chamam a atenção para o quadro

delicado da instrução escolar em leitura e escrita. No entanto, se dispomos de uma quantidade expressiva de anos de escolarização para tal, por que não temos tido, em inúmeros contextos, o êxito esperado em relação ao desenvolvimento dessas habilidades? Essa reflexão tem motivado professores e pesquisadores a discutirem sobre o processo de ensino e a aprendizagem dos alunos, principalmente nas aulas de língua portuguesa e, em particular, motivou-nos a realizar esta pesquisa.

Um dos indicadores que mais tem sido citado nesse âmbito de discussões é o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), o qual mensura habilidades e conhecimentos de jovens de quinze anos, cidadãos de países que integram a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), entre outras nações convidadas. O objetivo é analisar se os alunos em fase final de escolarização obrigatória apropriaram-se de conhecimentos e desenvolveram habilidades tidas como fundamentais para uma efetiva inserção social. Tais avaliações são trienais e cada edição corresponde a uma das áreas do conhecimento: leitura, matemática e ciências.

No ano 2000, 4.893 alunos brasileiros participaram da primeira avaliação do PISA, os quais obtiveram o pior desempenho dentre as 43 nações participantes, com 396 pontos. Em 2015, o Brasil esteve representado por 23.141 alunos e obteve 407 pontos em leitura, desempenho que colocou o País na 59ª posição, dentre os 72 países participantes da avaliação. Os alunos da rede federal obtiveram a melhor pontuação, 528 pontos, seguidos pela rede particular, com 493 pontos; a rede estadual apresentou 402 pontos e o pior resultado ficou com a rede municipal, com desempenho médio de 325 pontos (BRASIL/RELATÓRIO PISA, 2016).

Esses percentuais são desanimadores e orientam que o trabalho com a leitura requer *performance* na realização de atividades com uma diversidade de gêneros; focalizam habilidades de recuperação de informações, interpretação, reflexão e avaliação de textos em níveis crescentes de proficiência: i) a recuperação de informação – que corresponde à localização de uma ou mais partes de informação num texto; ii) a interpretação – que diz respeito à construção de significado e à elaboração de inferências a partir de uma ou mais partes de um texto; e iii) a capacidade de reflexão e avaliação – que corresponde à habilidade do leitor para utilizar sua experiência pessoal e seus conhecimentos prévios para construir criticamente os sentidos do conteúdo que lê no texto. Essa menção aos objetivos do

PISA aponta para a necessidade de ressignificarmos a formação escolar do leitor em muitos contextos (BRASIL/RELATÓRIO PISA, 2016).

A busca por meios de realizar essa ressignificação incentivou a realização desta pesquisa, que tem como tema a compreensão textual pela análise dos processos referenciais e sua contribuição na construção de sentido, através da referenciação aos personagens, em textos do gênero Memórias Literárias. A escolha pelo gênero está relacionada à possibilidade de facilitar a participação dos alunos nas Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro¹, doravante OLPEF, que ocorre em anos pares e cujo tema é “O lugar onde vivo”.

O gênero textual Memórias Literárias tem como característica uma valorização das experiências vividas pelo autor, mas, por serem literárias, misturam o real e o imaginado. São textos ricos em figuras de linguagem, com palavras escolhidas cuidadosamente, capazes de levar o leitor a outras épocas e a lugares distantes. Esse gênero, embora seja uma narrativa curta com um número reduzido de personagens, estimula a reflexão sobre as mudanças de comportamento, ideologias e estilo de vida, ou seja, analisa o passado por um ponto de vista contemporâneo.

Nossa pesquisa foi desenvolvida com alunos da Educação de Jovens e Adultos – modalidade Jovem - IV, doravante EJA Jovem IV, de uma escola pública de Fortaleza. A modalidade Jovem foi implantada no município de Fortaleza no ano de 2017 e é voltada apenas para os jovens na faixa de idade de 15 a 17 anos. Os alunos dessa faixa etária que ainda não concluíram o ensino fundamental II poderão continuar seus estudos, se assim preferirem, durante o período diurno. Os criadores dessa nova modalidade justificam que, segundo observações e depoimentos de professores da rede, esses alunos não se adaptam bem às turmas adultas, fator que gera indisciplina e exclusão pelos mais velhos, pela maneira de ser, atitudes e postura dos jovens na sala de aula (BRASIL, 2007).

¹ “A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* busca estimular os alunos da escola pública a se interessar mais pela leitura e a escrever melhor. Professores e alunos realizam oficinas de escrita e leitura, a partir de material pedagógico distribuído aos professores inscritos. Realizado pelo Ministério da Educação, em parceria com a Fundação Itaú Social e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), o concurso procura contribuir para a melhoria da qualidade de ensino e para o aperfeiçoamento da escrita dos alunos e está dividido em quatro categorias por gêneros: quinto e sexto anos do ensino fundamental com poemas, sétimo e oitavo anos do ensino fundamental com memórias literárias, nono ano do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio com crônica e segundo e terceiro anos do ensino médio com artigo de opinião.” (Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/olimpiada-de-lingua-portuguesa>)

A referida iniciativa tem como finalidade minimizar o conflito de gerações, oferecer maiores condições de inserção escolar e, sobretudo, reduzir a taxa alarmante de evasão na EJA e tem como proposta curricular uma adaptação da proposta do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem Urbano)².

Partimos do pressuposto de que uma estratégia para compreendermos melhor o mundo a nossa volta é termos uma prática constante de leitura. Quanto mais lemos, mais aumentamos a nossa fluência e o nosso vocabulário. Quanto mais sabemos sobre um assunto, mais facilidade temos para compreender e escrever textos que tratam desse assunto. Assim, com a escolha desse gênero, resolvemos a questão da motivação para a leitura.

Nesse contexto, ressaltamos que esta pesquisa traz reflexões sobre a referenciação e sua relação com a construção de sentidos no gênero textual Memórias Literárias, baseando-se em autores como Mondada e Dubois (2003), Koch e Elias (2006), Costa e Cavalcante (2009), Koch (2015), Cavalcante (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), Oliveira-Nascimento (2014), dentre outros, filiados à área da Linguística de Texto. Essa área do conhecimento tem contribuído para o ensino de Língua, pois toma o texto como objeto de estudo, abordando aspectos que contribuem para a prática docente e colocando o foco nas questões relacionadas ao processamento sociocognitivo de textos verbais e multimodais. Todas as obras citadas trazem aspectos significativos sobre o texto e a referenciação, abordando, de forma clara, os processos referenciais e sua relação com a construção de sentidos. Assim, a Linguística Textual trata de temas que nos ajudam a entender como se realiza a construção de sentidos do texto, contribuindo para um melhor conhecimento dessa questão, principalmente, na sala de aula.

Quantos de nós já lemos o mesmo texto mais de uma vez e percebemos que detalhes importantes foram deixados de lado na primeira, segunda e até terceira leitura. Dependendo da complexidade do texto, uma leitura superficial pode deixá-lo desinteressante e muitas vezes precisamos do ponto de vista de outra pessoa, ou de

²O Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem Urbano), da Secretaria Nacional da Juventude da Presidência de República, tem como objetivo geral levar a escolaridade de jovens com idade entre 18 e 29 anos, que saibam ler e escrever e não tenham concluído o ensino fundamental, visando à conclusão desta etapa por meio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos integrada à qualificação profissional e o desenvolvimento de ações comunitárias com exercício da cidadania, na forma de curso, conforme previsto no art. 81 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (BRASIL, Portal do MEC).

outras pessoas, para tirar o opaco e dar brilho na genialidade do escritor. Por essa razão, propomos trabalhar o texto de Memórias Literárias pela referência aos personagens para que o aluno possa compreender além da superficialidade do texto, mas também o porquê de cada escolha de palavra e o posicionamento do autor. Isso porque, sem acesso a esses conhecimentos, a construção de sentidos dos textos fica comprometida e, conseqüentemente, perde-se o gosto pelas atividades de leitura e interpretação de textos.

Assim, partindo do pressuposto de que a referência é essencial para o processo de compreensão leitora, busca-se responder às seguintes questões: i) Que processos referenciais aos personagens são utilizados pelos alunos na construção de sentidos do gênero Memórias Literárias? ii) Que atividades com estratégias de referência podem detectar a construção dos referentes aos personagens no gênero Memórias Literárias? Nesse contexto de investigação, a hipótese que defendemos é a de que o trabalho com estratégias de referência promove a ampliação da compreensão leitora do gênero textual em questão.

Entendemos que o reconhecimento das expressões linguísticas que retomam os referentes é fundamental para a compreensão dos textos da esfera do narrar, além de tais processos referenciais serem elementos que colaboram para a coesão e a coerência nas Memórias Literárias. A partir dessa hipótese, temos como objetivo geral investigar como o trabalho com os processos referenciais contribui para a construção de sentidos no gênero Memórias Literárias, tendo em vista que as estratégias de referência são fundamentais para a progressão do referente e, conseqüentemente, contribuem sobremaneira para a compreensão textual. Portanto, acreditamos que conhecer o quanto a compreensão leitora, em textos de Memórias Literárias, de um público com características específicas, como alunos do EJA Jovem IV, pode ser beneficiada com a utilização de estratégias de referência será relevante para o trabalho de leitura em sala de aula. Como objetivos específicos, temos: 1) Verificar como os alunos da EJA Jovem IV fazem a identificação e a retomada dos referentes no gênero textual Memórias Literárias através de uma atividade diagnóstica; 2) Analisar como o ensino das estratégias de referência textual possibilita a reflexão sobre os processos de continuidade e progressão textual na construção de sentidos dos textos; e 3) Elaborar uma proposta de intervenção com

estratégias de referenciação, criando situações para que o aluno amplie a construção de sentidos em textos de Memórias Literárias.

Traçados esses objetivos, recorreremos à pesquisa-ação. Assim, fomos capazes de acompanhar o processo de compreensão leitora dos alunos e elaborar atividades que facilitassem esse processo, na busca de promover uma ação docente que refletisse em melhoria do aprendizado.

Nosso trabalho está apresentado da seguinte forma: primeiramente, os motivos que nos levaram a realização desta pesquisa expostos nesta introdução; em seguida, passaremos para o nosso percurso teórico. Na seção teórica, destinamos espaço aos conceitos de texto enquanto objeto de estudo da linguística textual contemporânea, em que o texto é visto como atividade sociocognitiva; em seguida, falamos sobre a importância dos diversos conhecimentos necessários para a produção de sentidos no texto e, conseqüentemente, no processo de interação. Destinamos um tópico ao gênero textual Memórias Literárias, no qual abordamos a similaridade com outros gêneros e concluimos a parte teórica falando sobre a referenciação e sua importância na construção dos objetos de discurso, na progressão do texto e em sua coesão e coerência.

Na sequência, temos a seção metodológica, na qual apresentamos a natureza e o tipo de nossa pesquisa, o *corpus* analisado, os procedimentos usados para a coleta de dados, o campo, os sujeitos envolvidos e os procedimentos para análise dos dados. Concluimos a parte metodológica com uma proposta de trabalho composta por cinco módulos contendo atividades envolvendo os processos referenciais e a construção de sentidos no gênero Memórias Literárias. No último capítulo, há as considerações finais que apontam as principais contribuições de nosso estudo.

2 CONCEPÇÕES DE TEXTO

A noção de texto passou por diversas alterações ao longo da evolução da Linguística Textual. Koch (2015), em sua obra *Introdução à Linguística Textual*, destaca algumas delas: 1) pela concepção de base gramatical, o texto é visto como uma frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico; 2) pela concepção de base semiótica, o texto é visto como signo complexo; 3) pela concepção de base semântica, o texto é tido como expansão tematicamente centrada de macroestruturas; 4) na concepção de base pragmática, tem-se o texto como ato de fala complexo; 5) pela concepção de base discursiva, o texto é visto como discurso estanque ou produto acabado de uma ação discursiva; 6) pela concepção de base comunicativa, o texto é visto como meio específico de realização da comunicação verbal; 7) pela concepção de base cognitivista, o texto é visto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos; 8) pela concepção de base sociocognitiva-interacional, o texto é definido como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos.

A concepção de texto assumida por nós, e por uma considerável parcela dos estudiosos da área da Linguística de Texto na atualidade, é a de base sociocognitivista. Nela o texto é compreendido como “um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos” (CAVALCANTE, 2013, p. 19). Adeptos dessa concepção são Costa (2007 e 2009), Costa e Cavalcante (2010), Custódio Filho (2011), Oliveira-Nascimento (2014) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

Koch (2015) enfatiza o caráter social e sociocognitivo embutido nas práticas de comunicação via texto, por envolver processamento mental, tanto em sua produção quanto em sua recepção e pela “mobilização de um vasto conjunto de saberes”. Nas palavras da autora,

na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos

presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal. (KOCH, 2015, p. 44, grifos da autora).

Sendo o texto um evento resultante de uma interação, ou seja, “da ação de alguém que produz algo, em determinada situação, que deve ser compreendido por outros” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 95) e que “qualquer uso da linguagem pressupõe uma interação” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 63), mesmo que não ocorra a compreensão e pareça ser sem sentido (como os poemas “nonsense”, cuja intenção é provocar riso e não fazer sentido), dependendo da situação, pode ser coerente. Assim, não existe, para os autores, o “não texto” ou produção linguística sem sentido. Portanto, a coerência deixa de ser essencial e passa a figurar como “um princípio de interpretabilidade dependente de cada situação específica” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 63). Esse ponto de vista mostra que o foco está no interlocutor e o sentido é dependente de seu conhecimento prévio, ou seja, o texto terá o sentido que o interlocutor atribuir a ele.

Se o texto é interação, então podemos dizer que qualquer interação é texto. Cavalcante e Custódio Filho (2010) nos chamam a atenção para a infinidade de formas de interação: a verbal, a multimodal e a não verbal, assim, amplia-se consideravelmente o sentido de texto, pois a “natureza multifacetada do texto comporta em sua constituição a possibilidade de a comunicação ser estabelecida não apenas pelo uso da linguagem verbal, mas pela utilização de outros recursos semióticos” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 64). Os autores nos fornecem vários exemplos que entram no rol de eventos e “que remetem a elementos sociocognitivos necessários à interpretação”, tais como: as histórias em quadrinhos constituídas apenas por imagem, as fotografias, as pinturas e os sinais de trânsito. A interação ocorre na interpretação, na construção de sentidos. De acordo com os autores,

Subsumida à tese de que há textos sem a presença do verbal, encontra-se a ideia de que o reconhecimento dos estímulos diversos que chegam a nossos órgãos sensoriais nos chama constantemente à atividade de interpretar para produzir sentidos. Nessa acepção bem ampla (que, reconheça-se, se alinha bem ao Sociocognitismo), tudo seria texto. A interpretação que o jogador de vôlei faz sobre os movimentos da equipe adversária na hora do saque (chamada pelo locutor televisivo de “leitura do jogo”); o conjunto de gestos que fazem parte da “conversa” entre o limpador de para-brisas e o motorista

quando o carro para no semáforo; as considerações mentais sobre pobreza/religião/economia que um indivíduo faz quando vê um desabrigado na rua; os movimentos e tudo o mais envolvido no ato sexual... Tudo pode ser considerado texto, porque nos chama a participar ativamente de uma interação para a qual devemos dar sentido(s). (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 65).

Como vimos até aqui, a definição de texto é bem abrangente e se torna difícil estabelecer os seus limites. Cavalcante e Custódio Filho retomaram a definição de texto de Koch (2004/2015, p. 33/44), já apresentada neste trabalho, e acrescentaram duas alterações para que se tornasse mais evidente o não verbal na constituição de texto. Temos como resultado a seguinte paráfrase:

A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos [lingüísticos] presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO, 2006/2010, p. 20/64, grifos dos autores).

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 15-16) afirmam que, “sendo percebidas uma unidade de sentido e uma intenção (elementos garantidores da coerência) dentro de uma unidade de comunicação, tem-se um texto”. São exemplos de texto um grito de “Socorro!”, se alguém está se afogando, um provérbio popular, um romance de quinhentas páginas, um episódio de um seriado ou a série completa. Em outras palavras, os textos não são definidos por sua extensão, mas sim pelos critérios apontados pelos autores. No provérbio “Mais vale chegar atrasado neste mundo do que adiantado no outro”, apresentado como modelo pelos autores, embora de pequena extensão, tem o sentido de informar que certas atitudes podem causar uma morte prematura e a intenção de nos aconselhar a viver com prudência, além de constituir uma comunicação completa, ou seja, seu autor teve uma intenção comunicativa que deve ser partilhada pelo interlocutor.

O sentido é uma construção dinâmica, interativa, efetuada por sujeitos que mobilizam seus modelos de mundo, seus conhecimentos individuais e partilhados, para que possam preencher as lacunas que o texto apresenta e chegar a uma determinada compreensão, e é sobre esses conhecimentos, necessários à produção de sentidos, que falaremos em nosso próximo tópico.

Apresentadas algumas concepções sobre o universo da textualidade, a seguir abordaremos os aspectos referentes à compreensão de sentido.

3 CONHECIMENTO E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Para que seja atribuído sentido ao texto, produtor e interlocutor precisam partilhar conhecimentos comuns que são acessados durante a interação e levar em conta o contexto de produção. Essa afirmação é facilmente comprovada quando uma pessoa leiga em uma determinada área de estudo se depara com um texto repleto de termos científicos referentes a ela. Oliveira e Castro (2008, p. 9) nos apresentam um exemplo de texto que seria lido com facilidade por um aluno dos anos finais do ensino fundamental, mas que certamente não seria compreendido por ele. Tomamos o texto como exemplo da necessidade de partilhar conhecimentos prévios:

- a) “O filósofo usou os motivos centrais do pensamento de Heidegger para gerar sua hermenêutica. O caráter radical de sua proposta deriva da reversão que ele faz da orientação idealista ou epistemológica das teorias do conhecimento para teorias da vida e do ser humano. Dessa forma, suas teorias precedem e contextualizam a oposição usual entre a hermenêutica da suspeição e a hermenêutica da descoberta. A estrutura da vida humana integralmente interpretativa é a condição de possibilidade, não apenas dos tipos de hermenêutica, mas da teoria política e social de modo geral.” Extraído de: Oliveira e Castro (2008, p. 9)

No exemplo (a), há informações que evidenciam um léxico que, normalmente, não é compreendido por um público jovem, pois traz vocábulos que não são comumente utilizados por essa faixa etária. Percebemos, portanto, que o sentido de um texto não é dado apenas pelo significado das palavras, ele é encontrado na interação entre locutor-co(n)texto-interlocutor. Não podemos deixar de considerar que um texto, também, pode gerar sentidos diversos, característica que se torna mais evidente em textos poéticos, como no seguinte exemplo da música *Gera, degenera*, de Arnaldo Antunes.

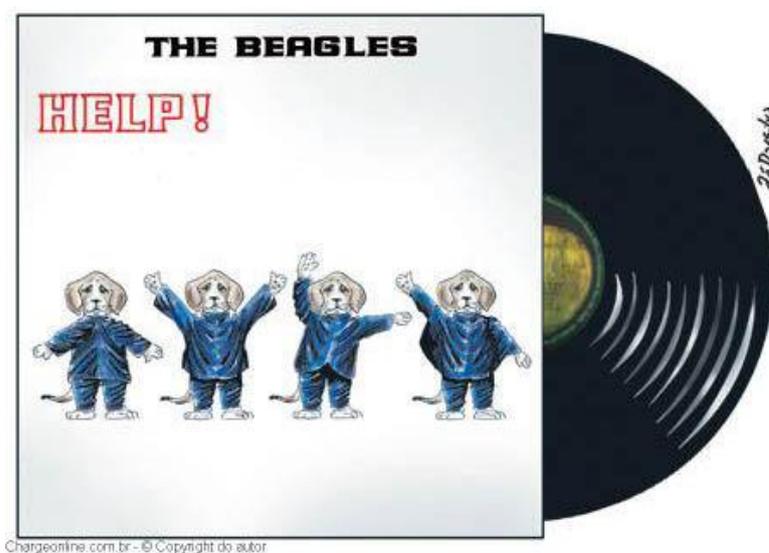
- b) Gera
Degenera
Já era
Regenera
Gera

Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/arnaldo-antunes>>. Acesso em: 23/01/2017

No exemplo (b), a unidade de sentido da composição é o ciclo da vida: o início (gera), o envelhecimento (degenera), o fim (já era), a transformação (regenera) e o retorno ao início (gera). O autor demonstra a intenção de mostrar esse ciclo na forma de canção, supondo que seus interlocutores compartilham dos conhecimentos necessários para a construção/atribuição do sentido, o que nos mostra que a definição de texto vai além dos textos cobrados em sala de aula, com uma quantidade predeterminada de parágrafos, introdução, desenvolvimento e conclusão.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 20) afirmam que “o contexto de produção é essencial para o reconhecimento do estatuto do texto e, conseqüentemente, de sua coerência”. A importância do contexto de produção é comprovada por Costa, Monteiro e Alves (2016, p. 19) através do exemplo (c).

c)



Fonte: Diário Catarinense. Disponível em:
 <https://beatlescollege.files.wordpress.com/2013/10/64227_628453637195902_1615096944_n.jpg>
 acesso: 21/01/2017.

A charge, publicada em 27 de outubro de 2013 no Diário Catarinense, tem sua coerência atrelada ao momento de sua produção, ao contexto do que estava sendo amplamente divulgado na época, pois se refere à ação de um grupo de ativistas que resgatou cães da raça beagle, que eram usados para testes de cosméticos em um laboratório de São Paulo.

Costa, Monteiro e Alves (2016, p. 19) observam que

[...] as *charges* publicadas em jornais desempenham, em sua maioria, o papel de expressar um ponto de vista sobre um tópico que já vem sendo abordado por meio de outros gêneros e são geralmente veiculadas na seção reservada aos textos opinativos. Uma vez que esse tópico está saliente na memória dos leitores, na medida em que foi ou está sendo amplamente noticiado e discutido, supõe-se que estes sejam capazes de “montar o quebra-cabeça”, ou seja, realizar o processo de textualização a partir dos múltiplos elementos semióticos que compõem a materialidade textual. (COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016, p. 19)

Na ocasião, a leitura foi, certamente, facilitada pela saliência do tópico, mesmo para leitores que desconhecessem a história dos Beatles, retratada pelo chargista, que ainda sugere, pelo texto, sua adesão ao ponto de vista dos ativistas.

Pelo que foi visto até aqui, a palavra-chave para se atribuir sentido ao texto é “conhecimento”, pois vários tipos de conhecimentos armazenados em nossa memória são ativados para nos auxiliar na compreensão dos textos. Vejamos o que Koch e Elias (2006) afirmam sobre o texto escrito:

Fundamentamo-nos, pois, em uma concepção **sociocognitivo-interacional** de língua, que privilegia os **sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação** – como já dissemos – é o texto, cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que, durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Em outras palavras, espera-se que o leitor concorde ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc. (KOCH; ELIAS, 2006, p.12, grifos das autoras)

Segundo as autoras, são necessários conhecimentos de natureza linguística, enciclopédica e interacional para a compreensão leitora. O conhecimento linguístico inclui a relação entre o som e o sentido das palavras, as regras morfológicas e sintáticas da língua e o uso do léxico, e comprova com o seguinte texto: “Rubinho é um ás no volante”. Cavalcante explica que:

Para compreender a piada, é preciso considerar a ambiguidade produzida pela justaposição de dois vocábulos: *ás no*, o que gera terceiro vocábulo, “asno”, que modifica o substantivo “volante” como *carro* para um adjetivo - “volante” como aquele que se move, que se desloca. Rimos exatamente desse jogo de duplo sentido e também da ironia que é provocada pela oposição de sentidos entre *ás no volante* e *asno volante*. Desse modo, o conhecimento linguístico proporciona tal entendimento, embora ele, sozinho, não seja responsável pelos sentidos construídos nessa interação. Para alcançar esse entendimento, temos que apelar para outros tipos de conhecimento, como o conhecimento de mundo que, nesta charge, pode

levar à compreensão de que Rubinho não é um bom corredor. (CAVALCANTE, 2011, p. 21-22, grifo da autora)

O conhecimento enciclopédico, também chamado de conhecimento de mundo, encontra-se armazenado em nossa memória de longo termo. Ele é ativado em momentos oportunos e está muito relacionado ao conhecimento interacional, porque também inclui informações socioculturais. Tomando por exemplo o mesmo texto: “Rubinho é um às no volante”, só é possível interpretar porque sabemos quem é Rubinho, sua profissão e os significados atribuídos à palavra asno, assim, a compreensão de alguns textos será construída se as bagagens sociocognitivas do autor e do interlocutor forem parcialmente semelhantes (KOCH; ELIAS, 2006).

O conhecimento interacional, para as autoras, é construído na interação por meio da linguagem, assim sabemos o que dizer em um restaurante, ou numa festa, ou num velório; sabemos também as características de uma notícia, de uma receita ou de uma carta. Resumindo, para que haja a produção de sentidos, na atividade de leitura, é preciso a ativação de conhecimentos diversos, procedentes da vivência e experiência do leitor, ou seja, das práticas sociocognitivas. Isso significa que diferentes leitores podem interpretar um mesmo texto de diferentes maneiras, pois cada leitor possui seu ambiente social, suas experiências prévias, seus padrões e princípios.

Como vimos, os conhecimentos são utilizados para produzir sentido e “produzir sentidos implica construir propostas de entendimento sobre algo; esse ‘algo’ remete, indubitavelmente, ao mundo (visível ou invisível, concreto ou abstrato) que nos cerca” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 110). Essa percepção/cognição do mundo é o que pretendemos ampliar com este trabalho e, assim, ajudar os alunos a compreenderem melhor as intenções do autor e a se posicionarem diante dos textos.

As Memórias Literárias, cuja caracterização apresentaremos no próximo tópico, são textos autorais que retratam um lugar ou modo de viver e ver o mundo em uma determinada época, o que torna esse gênero uma boa escolha para alcançarmos os nossos objetivos. Veremos, a seguir, como se configura o gênero por nós estudado.

4 MEMÓRIAS LITERÁRIAS

É natural ao ser humano querer preservar sua história, mesmo antes da escrita, como na idade da pedra, quando as narrativas eram feitas por desenhos em paredes de cavernas. No período medieval, surgiram as cantigas, em que o ritmo ajudava na memorização. Sempre houve o desejo de preservar o passado e manter as tradições da comunidade, antes armazenadas na memória dos mais sábios, que as repassavam oralmente de geração em geração. Com o surgimento da escrita e a evolução dos suportes, pedra, madeira, tecido, pergaminho, metal, papel etc., os registros de nossa história foram se multiplicando e nos permitindo, a partir de um ponto de vista contemporâneo, analisar, conhecer, estudar, pesquisar e reconstruir as mais diversas práticas sociais.

Esses registros acumulados ao longo de nossa história dividem-se em literários e não literários. Uma das características dos textos literários é a ficcionalidade, que, embora baseados na realidade, podem transgredir ou subverter sua ordem natural. O texto literário busca muito mais que relatar fatos, pretende emocionar, e usa como ferramenta recursos estilísticos da linguagem e aspira provocar experiências estéticas, ideológicas e éticas.

Para facilitar a compreensão do que seriam Memórias Literárias, o caderno do professor da OLPEF faz a distinção entre memória e memórias:

Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, **memória** é “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência”. No mesmo dicionário, encontramos para **memórias**: “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”. (CENPEC, 2012, p. 25)

Há um conjunto de características próprias de cada gênero textual e algumas delas se aproximam das características das Memórias Literárias, vejamos, por exemplo: relatos de experiências simples do cotidiano são geralmente relacionadas a *crônicas literárias*; relatos sobre a vida pessoal, do dia a dia, a *diários*; o registro da história de vida do narrador está relacionado à *autobiografia*; e a explanação de fatos ocorridos com o narrador, ao relato pessoal. Vejamos a definição de Memórias para Albuquerque:

As Memórias Literárias constituem-se como um gênero textual, no interior do domínio discursivo autobiográfico, mas que não podem ser consideradas como autobiografias ou como relatos pessoais, pois apresentam características composicionais que as distinguem destes gêneros, pois embora também tragam relatos, em primeira pessoa, de situações vividas no passado, fazem-no de forma geral, enfocando fatos, experiências e costumes vivenciados pelo autor e por toda a sociedade local de uma dada época, e não como relato de história de vida, como no caso da autobiografia, nem se apresenta como um registro íntimo de fatos vivenciados pelo autor, no qual ele e/ou os seus, é/são o centro do desenrolar do(s) fato(s) narrado(s), como ocorre no relato pessoal. (ALBUQUERQUE, 2015, p. 34)

Memórias Literárias são textos predominantemente narrativos, escritos em primeira pessoa (narrador-personagem ou narrador-observador), que recuperam, no presente, lembranças antigas de situações passadas, que são atravessadas pelo imaginário do autor. Essas lembranças trazem consigo vocábulos que não são mais de uso corrente e adjetivos que procuram envolver o leitor, ou seja, textos com uma preocupação de natureza estética. A reavaliação dos fatos antigos pelo ponto de vista contemporâneo é destacada por Elizabeth Marcuschi:

As memórias literárias têm como propósito sociocomunicativo mais saliente recuperar, numa narrativa escrita de uma perspectiva contemporânea, vivências de tempos mais remotos (relacionadas a lugares, objetos, pessoas, fatos, sentimentos, valores etc.) experienciadas pelo autor (ou que lhe tenham sido contadas por outrem, mas que lhe digam respeito), numa linguagem que se configure como um ato discursivo próprio e recrie o real, sem um compromisso com a veracidade ou com a magnitude das ocorrências. De fato, o distanciamento temporal e as mudanças de valores, experiências e desejos e ele associadas inevitavelmente levam o memorialista a reconfigurar as passagens que as lembranças trazem à tona. Recordar é, assim, adicionar ao passado detalhes e cores que (provavelmente) não estavam lá, mas que foram sendo elaborados e reconfigurados ao longo dos tempos. (ELIZABETH MARCUSCHI, 2012, p. 56-57)

Para a autora, “o tempo e a experiência de vida parecem ser os grandes aliados do memorialista, pois é preciso primeiro viver para depois narrar” (ELIZABETH MARCUSCHI, 2012, p. 57). Assim, não há compromisso com acontecimentos grandiosos ou proeminentes, mas com a memória afetiva, a memória involuntária e a memória dos sentidos. Desse modo, não há um fato único e central a ser narrado, como é comum na maioria das narrativas, mas uma “seleção de fatos distintos, mas relacionados, que são relevantes dentro de um conteúdo temático e que marcaram época” (ALBUQUERQUE, 2015, p. 37).

Neste capítulo, tentamos mostrar as características do gênero textual Memórias Literárias e a necessidade do ser humano em contar e conservar sua história, salvá-la do esquecimento, desde o princípio da humanidade. Hoje estamos na era da comunicação e da tecnologia, tecnologia que facilita a vida dos estudantes, afinal é só falar que sai escrito no celular, o problema é que o celular não interpreta a intenção do autor, ou mesmo o que ele deixa transparecer sem perceber, através de suas escolhas de vocabulário. É sobre essas escolhas e essa percepção/cognição do mundo que trata a referenciação na perspectiva que consideramos em nossa pesquisa e que será apresentada no tópico seguinte.

5 REFERENCIAÇÃO

Para compreender a referenciação é necessário que se faça a distinção entre *objetos de discurso* e *objetos do mundo*. O primeiro refere-se à nossa percepção em relação à realidade e o segundo, ao real. Para Koch (2015, p. 84), “construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural”, o que julgamos ser a realidade não passa de um produto de nossa percepção cultural que é fabricado pela prática social. Para Marcuschi e Koch (1998), esse pressuposto implica uma visão não referencial da língua e da linguagem. Para eles,

Isso não significa negar a realidade extra-mente, nem estabelecer a subjetividade como parâmetro do real. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real. Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Também não se postula uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. (MARCUSCHI; KOCH, 1998, p.5)

Oliveira-Nascimento afirma que “a referenciação deve ser considerada uma atividade discursiva em que o sujeito atua sobre o banco linguístico que tem a sua disposição, operando escolhas significativas para representar o mundo” (OLIVEIRA-NASCIMENTO, 2014, p. 73). Assim, os objetos de discurso são instáveis e dinâmicos, pois “uma vez introduzidos, podem ser modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, construindo-se ou reconstruindo-se, assim, o sentido, no curso da progressão textual” (KOCH, 2002, p. 80-81). Koch acrescenta:

A discursivização ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re)construção do próprio real. Ao usar e manipular uma forma simbólica, usamos e manipulamos tanto o conteúdo como a estrutura dessa forma. E, deste modo, também manipulamos a estrutura da realidade de maneira significativa. (KOCH, 2002, p. 81)

As investigações atuais sobre a referenciação têm seguido uma perspectiva também sociocognitivista. No âmbito dos estudos textuais, concebe-se a passagem da noção de referência, prestimosa à semântica formal, para a noção de

referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003). Como se pode observar, no lugar de uma relação referencialista, que prima pela relação “texto-objeto” com o mundo empírico, valoriza-se a construção de relações discursivas, nas quais os referentes “situados” no mundo ganham existência discursiva própria. Percebe-se, então, uma relação de texto-processo, em que “objetos de discurso” são criados, categorizados e recategorizados no fluxo discursivo com o objetivo de estabelecer relações de sentido.

Para melhor percepção dessa questão, recorremos a uma assertiva de Koch (2015, p. 34):

A questão da referência é um termo clássico da filosofia da linguagem, da lógica e, nestes quadros, ela foi historicamente posta como um problema da representação do mundo, de verbalização do referente, em que a forma linguística selecionada é avaliada em termos de verdade e de correspondência com ele (o mundo). A questão da Referência opera um deslizamento em relação a este primeiro quadro: ela não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadore.

Com base nesses pressupostos de cunho sociocognitivista da referenciação, “os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17). Diante disso, a referenciação como um processo sociocognitivo-discursivo não pode dissociar-se de seu contexto social, uma vez que envolve escolhas de objetos de discurso realizadas por um sujeito para um querer dizer. Assim, no processo de referenciação, as realidades e os objetos do mundo são modificados e recategorizados.

A partir disso, podemos constatar que as atividades de referenciação consistem no fato de construir e reconstruir os objetos de discurso, o que nos leva a entender que os objetos de discurso são produtos da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes. Para Mondada e Dubois (2003, p.17), “categorias e objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos”. Nesse sentido, a referenciação é um processo dinâmico e intersubjetivo, que, segundo Costa (2009, p. 69), “constitui uma espécie de “jogo” que

extrapola os limites sonoros ou gráficos do texto, isto é, que se realiza na esfera das relações entre sujeitos historicamente situados”. Nesse “jogo”, o sentido entre as palavras e as entidades do mundo não está pronto, é construído e reconstruído no ato da interação verbal, pois é nesse instante em que os sujeitos, atores sociais, partilham de seus conhecimentos e valores, utilizando-se das formas referenciais de acordo com os conhecimentos armazenados na memória discursiva, relacionados à língua, ao saber enciclopédico, às práticas sociais. É também nesse momento em que eles são afetados pelas contingências da situação de construção e reconstrução discursiva.

Nessa mesma linha de reflexão, entendemos que os objetos de discurso vão se modificando à proporção que é modificado o estado da memória discursiva. A autora advoga que “o que identifica o referente é, agora, a bagagem do conhecimento sobre o assunto de que dispõem os interlocutores a cada momento da interação. O reconhecimento do referente ou do objeto de discurso é o produto de uma interação entre o falante e seu ambiente”. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 21 *apud* CAVALCANTE, 2011, p. 73-74). Assim, a referenciação constitui uma atividade discursiva na qual o sujeito, no contexto da interação verbal, maneja o material linguístico que tem à sua disposição e, por meio de uma “negociação”, realiza escolhas significativas para representar estados e coisas com o objetivo de concretizar sua proposta de sentido.

A partir desse ponto de vista, podemos verificar que a língua é instável, entretanto, quando os referentes são “escolhidos” e adequados para determinado contexto, ocorre um processo de estabilização, uma vez que os interlocutores processam um sentido em conformidade com o contexto, ou seja, adequado a determinada situação. Essa ideia de instabilidade nos possibilita reconhecer que as categorias com as quais descrevemos o mundo podem ser adaptadas ao discurso sem que isso represente uma “transgressão” de um sentido estrito ou predeterminado. Enfim, no discurso, as categorias são estabilizadas, o que representa dizer que, de acordo com a situação ou o contexto, os sentidos podem ser mais adequados à construção de um sentido global do discurso. Essa visão de instabilidade do referente é o que nos guia em nosso estudo.

Se percebemos o mundo sob nosso ponto de vista, expressamos, portanto, uma mesma realidade de forma diferente, dependendo de fatores diversos que podem

ser a intencionalidade, o momento sócio histórico, a consideração da aceitabilidade etc. Para que fique mais claro, veremos como exemplo dois textos³, cujos referentes são a Polícia Federal e as pessoas investigadas por ela.

- d) **Departamento de Polícia Federal (DPF)**, ou simplesmente **Polícia Federal (PF)**, é uma instituição policial brasileira, subordinada ao Ministério da Justiça, cuja função, de acordo com a Constituição de 1988, é exercer a segurança pública para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas, bem como dos bens e interesses da União, exercendo atividades de polícia marítima, aeroportuária e de fronteiras, repressão ao tráfico de entorpecentes, contrabando e descaminho, e exercendo com exclusividade as funções de polícia judiciária da União.

A Polícia Federal, de acordo com o artigo 144, parágrafo 1º, da Constituição Federal, é instituída por lei como órgão permanente, organizado e mantido pela União e estruturado em carreira. [...]

Após 2003, houve uma intensificação dos trabalhos da Polícia Federal a partir de uma reestruturação iniciada pelo Governo Federal, o que desencadeou uma onda de prisões de quadrilhas de criminosos especializados em fraudes eletrônicas na internet e em cartões de débito e crédito, de sonegadores ligados à corrupção e à lavagem de dinheiro, entre outros, e esbarrou em políticos, tanto ligados ao Governo quanto em adversários. Alguns analistas políticos chegam a afirmar que foi a pressão da Polícia Federal teria levado Roberto Jefferson a denunciar o Mensalão.

(Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADcia_federal>. Acesso em 1 março. 2017. In: CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 112)

- e) O brasileiro já se acostumou a ligar o noticiário da TV para assistir ao desfile de carros da **Polícia Federal**, de onde saem **homens parrudos de colete negro** para algemar cidadãos apanhados de surpresa em suas casas e escritórios, além de carregar computadores e pilhas de documentos. Promovidas com **previsível espalhafato**, essas ações costumam receber nomes poéticos, como Operação Pasárgada, destinada a apurar fraudes em prefeituras, ou sensacionalistas, como a Operação Sanguessuga, que investigou desvios na compra de ambulâncias, ou mesmo de inspiração infantil, como Pinóquio, em torno de crimes ambientais.

(*Época*, 14 jul. 2008, p. 41. In: CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 112)

O referente “Polícia Federal” é apresentado no exemplo (d) como o grupo que exerce a “preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas, bem

³ Exemplos extraído de Custódio Filho (2011).

como dos bens e interesses da União”, enquanto no exemplo (e) passa a ser o órgão cujos agentes são “homens parrudos de colete negro” que agem com “previsível espalhafato” em operações que contam com “desfiles de carros da Polícia Federal”.

Ao compararmos a forma como as pessoas investigadas são apresentadas nos dois textos, temos, no exemplo (d), sujeitos categorizados como membros de quadrilhas de criminosos, fraudadores, sonegadores e corruptos. No exemplo (e), os sujeitos são categorizados como “cidadãos apanhados de surpresa”. Nesse exemplo, embora se trate do mesmo referente, os valores são invertidos e os sujeitos investigados não são mais criminosos, são cidadãos surpreendidos.

Os referentes *Polícia Federal* e *pessoas investigadas pela instituição* foram categorizadas no primeiro texto e recategorizadas no segundo texto e, apesar da concepção diferente, os textos possuem como base o real e procuram convencer os interlocutores da veracidade de suas posições. Percebe-se, assim, duas proposições em relação aos referentes: primeira, a da instabilidade do real, em que “o papel das linguagens não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir versões, elaborações dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 113); e a segunda está relacionada à construção negociada de sentido ou subjetividade partilhada e dependente do interlocutor, na qual “a referenciação é um processo resultante da negociação entre sujeitos” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 115), mesmo que essa negociação seja assíncrona como nos textos escritos, nesses casos “a negociação ocorre na forma de antecipação do enunciador em relação ao(s) eventual(is) interlocutor(es)” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 117).

5.1 OS PROCESSOS REFERENCIAIS

Na fase atual dos estudos de referenciação, após alguns acréscimos e reformulações, Cavalcante (2011) elaborou uma classificação para os processos referenciais, a qual apresentaremos e exemplificaremos para mostrar os limites alcançados na composição de um quadro classificatório desses processos.

Cavalcante (2011), dando continuidade aos inúmeros trabalhos de Koch e de Marcuschi, divide os processos referenciais em dois grupos: o primeiro deles revela a primeira aparição do referente no cotexto, aparição que é chamada de introdução referencial. O segundo grupo, bem maior por sinal, é o “reino das anáforas”. A

diferença entre esses dois grupos diz respeito à presença/ausência de uma âncora, de um elemento ao qual o processo referencial faz remissão. Para a autora, assim como para Koch (2003), Marcuschi (2008) e outros vários autores, a introdução referencial acontece quando o referente é apresentado no cotexto sem que nenhuma outra expressão o tenha evocado anteriormente, inexistindo, dessa forma, uma possibilidade de remissão a algum elemento prévio. O contrário disso é chamado de anáfora, ou seja, é o processo pelo qual se faz uma remissão ou retomada de algum termo ou porção do texto. Vejamos alguns exemplos:

- f) O sujeito chega para o padre e pergunta:
 - Padre, o senhor acha correto alguém lucrar com o erro dos outros?
 - É claro que não, meu filho!
 - Então me devolve a grana que eu te paguei para fazer meu casamento.
 (Piada, as melhores piadas de Casseta e Planeta, v. 4. In: CAVALCANTE, 2011, p.54)

- g) A professora tenta ensinar matemática para o Joãozinho.
 - Se eu te der quatro chocolates hoje e mais três amanhã, você vai ficar com... com... com...?
 E o garoto:
 - Contente!
 (Piada, Coleção 50 piadas – Matemática, de Donaldo Buchweitz. In: CAVALCANTE, 2011, p. 55)

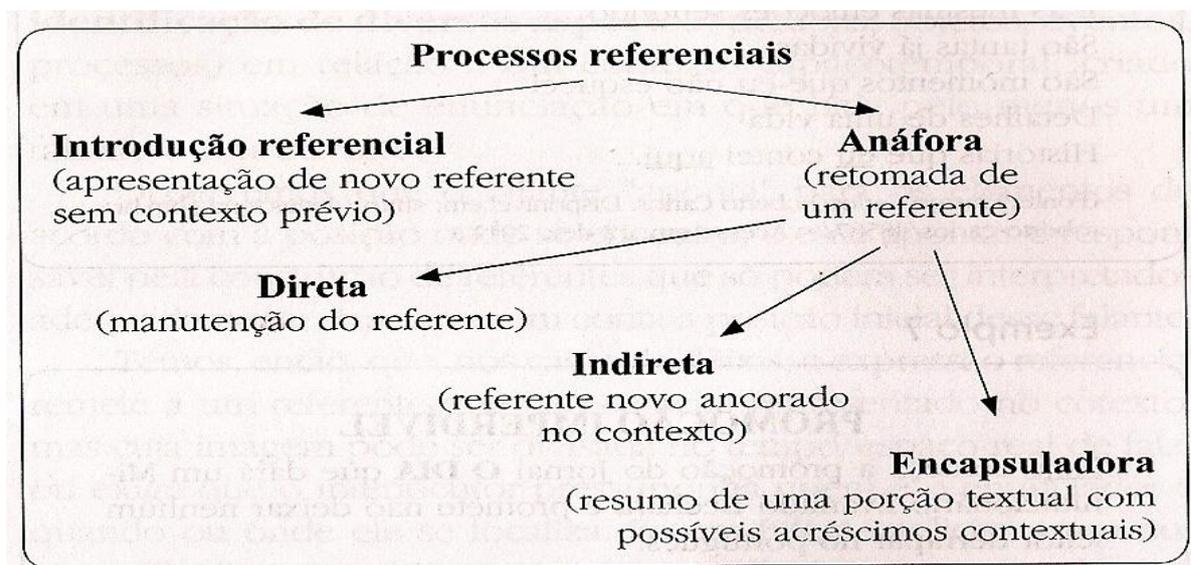
Cavalcante (2011) explica que o que separa as introduções referenciais e as anáforas pode ser observado em (f) e (g). No caso de (f), temos um exemplo clássico de introduções referenciais. Os referentes que ainda não haviam surgido no cotexto são apresentados pelas expressões “sujeito” e “padre”, e tais expressões não fazem remissão a qualquer outro elemento do texto. Já em (g), a expressão referencial destacada “garoto” está diretamente ligada a outro termo, “Joãozinho”, construindo com ele uma continuidade e diferenciando-se enquanto processo referencial dos exemplos apresentados em (f), já que em (g) observamos a remissão, ou melhor, a retomada de um termo anterior.

Eis o primeiro critério adotado para a elaboração do atual quadro classificatório dos processos referenciais: a menção no cotexto.

Poderíamos resumir esses dois grandes processos referenciais, fundamentados nesse critério de menção no cotexto, dizendo assim: há duas funções gerais das expressões referenciais: 1) introduzir formalmente um novo referente no universo discursivo; 2) promover, por meio de expressões referenciais, a continuidade de referentes já estabelecidos no universo discursivo. (CAVALCANTE, 2011, p. 59)

A partir dessa separação, a autora formula um quadro que reúne os processos referenciais, conforme veremos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Classificatório dos processos referenciais



Fonte: Cavalcante (2011, p. 127)

O quadro acima mostra a anáfora como a retomada de um referente que, ao longo do texto, recebe novas informações e vai sendo construído na memória discursiva, ou seja, ele é (re)categorizado, porém Cavalcante, Custódio Filho e Brito informam que “por se tratar de um processo importantíssimo para a manifestação da coerência, a referenciação não tem como se restringir a um conjunto específico de formas linguísticas”, para os autores “a representação de um referente não se pauta apenas pelas expressões referenciais utilizadas para designá-lo”, ou seja, a construção do referente “nem mesmo chega a depender exclusivamente de sintagmas nominais” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014), em outras palavras, podemos afirmar que a construção dos objetos de discurso pode ser realizada por recursos de natureza diversa. Selecionamos dois exemplos fornecidos pelos autores para esclarecer as diferentes formas de construção de um referente:

h) Eu falo de amor à vida,
 Você de medo da morte.
 Eu falo da força do acaso
 E você de azar ou sorte
 [...]

(MOSKA, Paulinho. A seta e o alvo. Letra disponível em <http://letras.mus.br/paulinho-moska/48065/>. Acesso em 21 jan. 2014. In: CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 44)

i) OBSCENIDADES PARA UMA DONA DE CASA
 Três da tarde ainda, ficava ansiosa. Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. Ligava a televisão, desligava, abria o livro. Regava a planta já regada, girava a agenda telefônica, à procura de amiga a quem chamar. Apanhava o litro de Martini, desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que você é alcoólatra. Abria gavetas, arrumava calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as meias do marido, nenhuma precisando remendo. [...]

(BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Obscenidades para uma dona de casa. In: CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 45).

No exemplo (h) as duas expressões genuinamente referenciais são os pronomes “eu” e “você”, porém a (re)categorização dos personagens é feita pelos “sintagmas nominais presentes nas predicções (“amor à vida”, “medo da morte”, “força do acaso”, “azar”, “sorte”)” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 44). São as predicções que nos revelam que o “eu lírico do locutor é alguém ‘positivo’, ousado, disposto a encarar com disposição e entusiasmo os desafios da vida. Já o personagem referenciado por ‘você’ é alguém mais cauteloso, mais medroso.” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 44).

No exemplo (i) a introdução referencial é feita no título “uma dona de casa” e recategorizada sem o uso de sintagmas nominais referenciais, conforme explicam os autores:

1) Ela se encontra ansiosa; 2) ela se preocupa com a opinião alheia. O primeiro traço de significação - <dona de casa ansiosa> - é percebido a partir do uso do adjetivo em posição de predicativo (“ansiosa”), o qual não é (nem faz parte de) uma expressão referencial, e a partir do conjunto de predicções

que seguem o adjetivo. O segundo traço - <dona de casa preocupada com a opinião alheia> - é também construído por meio de uma predicação (“Podem achar que você é alcoólatra”).

É interessante notar que essas recategorizações não se dão por meio de expressões que se referem à dona de casa. Salientar a participação dessas estruturas linguísticas (diferentes do sintagma nominal) na construção da referência implica dizer que, para estabelecer os traços referenciais de uma determinada entidade, é preciso reconhecer o teor completo das “informações” apresentadas pelo texto. (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 45).

O mesmo exemplo fornece outras recategorizações que não foram mencionadas pelos autores, o texto revela que a dona de casa era organizada, prezada e econômica, pois conserta as meias do marido em vez de jogar fora e comprar-lhe novas, gostava de beber, embora não fosse alcoólatra, pois o que a impede é a preocupação com a opinião alheia. É essa habilidade de extrair informações do texto, pelos processos referenciais aos personagens e pela construção dos sentidos em Memórias Literárias que buscamos desenvolver com este trabalho.

No próximo tópico, discorreremos sobre nosso percurso metodológico, descrevendo todas as etapas e os instrumentos utilizados.

6 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descreveremos a natureza da pesquisa, o *corpus* analisado, os procedimentos usados para a coleta de dados, o campo e os sujeitos envolvidos e os procedimentos para análise dos dados.

6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

De acordo com os objetivos traçados, a pesquisa caracteriza-se como descritiva-explicativa, pois, segundo Gil (2008, p.42), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Assim, essas pesquisas podem estudar as características de um grupo, como também descobrir a existência de associações entre variáveis. Como a presente pesquisa pretende identificar e determinar a natureza da relação entre as variáveis, temos uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa.

Com relação aos procedimentos, a pesquisa classifica-se como pesquisa de campo, pois, de acordo com Gil (2008, p. 53), é uma pesquisa “desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado”. Para o autor, no estudo de campo, o pesquisador realiza o trabalho pessoalmente, devendo ficar o maior tempo possível na comunidade. Desse modo, esta pesquisa investigará uma sala de aula de alunos da EJA Jovem IV, de uma escola pública de Fortaleza, por meio da aplicação de uma atividade diagnóstica. Assim, pode-se desenvolver a pesquisa também na forma de pesquisa-ação, que “tem características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático” (GIL, 2010 p. 42). Nesse caso, o professor pesquisador faz a coleta de dados em sua sala de aula por meio de atividades desenvolvidas com os alunos, tendo como objetivo principal uma intervenção que proporcione a melhoria do aluno e do professor no ensino de Língua Portuguesa. Alunos e professora serão objeto(s) e sujeito(s) nesta pesquisa-ação.

O Profletras tem se mostrado como uma grande oportunidade de aprimorar os conhecimentos com aplicação e propagação imediata, uma vez que compartilhamos com outros professores nossas ideias e dificuldades e aprendemos

juntos o que há de mais recente nas pesquisas. Essa atualização necessária nos faz repensar e propor práticas que foram utilizadas, analisadas e transformadas em material didático. Assim, esta pesquisa é classificada como pesquisa-ação educacional, pois, de acordo com Tripp,

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos. (TRIPP, 2005, p. 445)

Tendo em vista que a pesquisadora participou ativamente durante todas as etapas deste estudo, a natureza de nossa investigação é, por excelência, interventiva, a partir da produção e compreensão de textos produzidos pelos alunos, os quais serão apresentados a seguir.

6.2 *CORPUS* ANALISADO

Com exceção do texto “Parecida mas diferente”, de Zélia Gattai, que é apresentado pelo manual das OLPEF como modelo do gênero, os demais textos escolhidos para este trabalho foram selecionados da coletânea dos vencedores de 2016 (por ser a mais recente), dentre os quais estão textos de alunos cearenses, incluindo os dois textos feitos por alunos de nossa cidade. Dessa forma, selecionamos textos falando de locais facilmente identificados pelos alunos da EJA Jovem IV, que poderiam até conhecer as escolas ou os alunos escritores dos textos que foram publicados, colaborando, assim, para a motivação da leitura.

O texto usado para a atividade diagnóstica foi “Memórias inundadas do passado”, escrito pela aluna Mariana Carla Hochwart, da E. M. E. B. Valentin Bernardi – Itá-SC, que foi orientada pela professora Cristiane de Fátima Morais Zandonai. Esse texto, que inicia a coletânea de vencedores de 2016, é rico em prosopopeia, e o fato de ter personagens de uma Memória Literária composta por seres inanimados leva a uma reflexão sobre o motivo do autor em usar esse recurso para narrar sua história. Essa reflexão, junto com as outras pistas fornecidas pelo texto, é o que possibilita a categorização do autor.

Os demais textos selecionados para compor a proposta de intervenção foram: “De Pirocia a Montese”, escrito pela aluna Vitória Maria Xavier Rocha, da

Escola Municipal Vicente Fialho – Fortaleza-CE, orientada pelo professor Joaquim Filho Lima Correia; “Uma saudade chamada ‘Quitandinha’”, escrito pela aluna Ana Rayssa Reinaldo do Nascimento, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Renato Braga – Fortaleza-CE, orientada pela professora Maria Gerlina Moreira da Silva, e “No tempo da lamparina”, escrito pela aluna Tarciane Ferreira Dias, da E. E. I. E. F. Luis Ribeiro da Silva – Ubajara-CE, orientada pela professora Adeilta Pereira Carvalho.

No próximo tópico, falaremos sobre os alunos participantes da pesquisa e a escola em que foi realizado o trabalho.

6.3 DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES E CAMPO DE PESQUISA

Os números, já apresentados referentes ao desempenho dos alunos brasileiros, evidenciam a necessidade do aprimoramento de nossas práticas, e esse quadro se agrava quando tratamos dos alunos da EJA Jovem, que, embora muito heterogênea, apresenta um grande número de alunos com dificuldade de leitura e, conseqüentemente, compreensão leitora. Muitos deles se comportam como copistas, esperam que os mais adiantados compreendam e resolvam as questões para, em seguida, copiar suas respostas. O hábito persiste mesmo que se deixe claro que a atividade não vale nota.

Este trabalho teve como sujeitos os alunos de uma turma da EJA Jovem IV, como explicitado anteriormente. Para participar da modalidade “Jovem”, que funciona à tarde, o aluno necessita estar na faixa etária entre 15 e 17 anos. Nessa turma, foram matriculados 36 alunos, mas, ao final do ano letivo, restavam apenas 20; dentre estes, 4 possuíam necessidades especiais e 7 deles não trouxeram a autorização dos pais para participar da pesquisa, nem estavam presentes em todas as etapas do processo. Portanto, nossa pesquisa conta com apenas 9 participantes.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal de Fortaleza-CE durante o segundo semestre de 2017. A escola possui 12 salas de aula (em 2017, uma das salas era dividida em duas para abrigar 13 turmas por turno) e funciona os 3 turnos, sendo o turno da noite destinado apenas à EJA. Possui biblioteca e sala de informática, ambas funcionavam como salas de aula para o Mais Educação e, quando

um professor precisava usá-las, era feita a troca do ambiente com a sala destinada à sua turma.

A EJA foi pensada como uma forma de dar oportunidade de acesso ou continuidade de estudos nos Ensinos Fundamental e Médio àqueles que não a tiveram na idade apropriada. É também um meio de viabilizar e estimular o acesso e a permanência do trabalhador na escola. Este não é o caso dos nossos alunos do horário diurno, uma vez que eles, em geral, não pararam os estudos e não trabalham; no entanto, estão fora da faixa etária por repetência. Essa característica faz com que tenhamos uma preocupação maior em como melhorar a aprendizagem e a autonomia da própria aprendizagem pela ampliação da capacidade de compreensão e interpretação leitora.

A vantagem para os alunos em substituir a grade curricular comum pela da EJA Jovem é poder concluir o ensino fundamental III – do sexto ao nono ano, em apenas dois anos – EJA Jovem IV e V, o que amplia o desafio para o professor no momento da escolha dos textos. É importante ter uma motivação para ler e conhecer mais sobre um gênero textual, por isso escolhemos o gênero textual Memórias Literárias, uma vez que é o gênero destinado para ser produzido por alunos dos 6º e 7º anos que desejam participar da OLPEF, portanto é aberta a participação aos alunos das turmas da EJA IV e V.

A seguir apresentaremos nosso percurso de investigação, que compreendeu as atividades que configuram nossa proposta de intervenção.

6.4 SEQUÊNCIA DE AÇÕES CONCERNENTES À INTERVENÇÃO

Nossa pesquisa percorreu os seguintes passos: 1) apresentação da pesquisa aos alunos, convidando-os a participar, explanação sobre as OLPEF, sobre o gênero textual Memórias Literárias e sobre os processos referenciais; 2) leitura do texto “Parecida mas diferente” de Zélia Gattai, utilizado como modelo de apresentação do gênero pelas OLPEF, com discussão oral sobre os personagens e realização de uma atividade em conjunto para que ficassem mais claros os processos referenciais aos personagens; 3) Aplicação de atividade diagnóstica com texto escrito por aluna vencedora das OLPEF de 2016; 4) diagnóstico das dificuldades de identificação (ou construção) e retomada (ou reconstrução) dos referentes no texto; 5) Aplicação de

uma proposta de trabalho com estratégias de referenciação em que foram criadas situações para que o aluno tivesse a oportunidade de ampliar a construção de sentido em Memórias Literárias, utilizando textos da coletânea dos vencedores de 2016 das OLPEF; 6) realização de uma segunda atividade diagnóstica para compararmos os resultados.

O texto escolhido para a apresentação da proposta de trabalho é bastante rico em referentes e recategorizações. Embora seja destinado a alunos do 7º e 8º anos, é um pouco complexo para os alunos da turma pesquisada e, por isso, não foi usado como atividade diagnóstica. Antes da leitura do texto, falamos sobre as OLPEF, seu tema, as categorias para cada nível de escolaridade, a frequência bienal, a distinção entre memória e Memórias Literárias e as características do gênero. Em seguida, fizemos a premonição do referente com o título: O que seria parecida? Qual seria a diferença? Posteriormente, pedimos que, durante a leitura, eles sublinhassem os personagens do texto para depois tentar caracterizá-los e discutir a importância de cada um para o desenvolvimento da história e só então fizemos uma leitura discutindo a cada etapa se havia compreensão detalhada por todos, pedindo que um ou outro explicasse um pedaço do texto ou tentasse descobrir o significado de algum termo pelo contexto. Depois, perguntamos quais personagens eles conseguiram localizar e, em alguns casos, quem eram (ex.: Carolina – personagem indefinida, por não ter nenhuma menção de mãe ou tia de Zélia), como eram e sua importância para a história.

No primeiro parágrafo, por exemplo, é possível perceber que o pai de Zélia era orgulhoso de sua origem pela expressão “costumava contar”, ou seja, repetia a história de sua família, enquanto o avô materno era humilde e só escutava, mesmo sendo também de origem italiana e tendo uma história tão bonita de sua chegada ao Brasil, ele só a revela quando é solicitado pela neta. Fizemos uma releitura sem paradas e, em seguida, aplicamos uma atividade com 23 questões, para a qual os alunos foram convidados a responder, mas qualquer um dos alunos poderia dar sua versão de resposta, e esta foi escrita no quadro para facilitar a compreensão de todos. Nosso objetivo era o de que os alunos localizassem os referentes e sua progressão com as recategorizações. Esta etapa foi realizada em quatro horas de aula.

Na semana seguinte, trabalhamos com o texto “Memórias inundadas no passado”, que é repleto de prosopopeia. Portanto, antes da leitura, explicamos e

exemplificamos o uso da personificação, avisamos que no texto que iríamos ler a personagem principal não era uma pessoa e que eles refletissem sobre o que tinha levado o autor a utilizar esse recurso. Fizemos a leitura discutida e aproveitamos o início do texto para relembrar que Memórias Literárias é um gênero textual que se configura em um misto de fatos históricos de uma época com uma autobiografia e tem por base lembranças pessoais. Por ser literária, a realidade serve apenas de base, ou seja, há liberdade para recriar as situações ou os fatos narrados e não se obriga a retratar exatamente o que aconteceu. Isso fica evidente na primeira frase do texto “Todos têm sua história e eu tenho a minha”, assim o autor deixa clara a existência de outras versões para os fatos que ele narra. Em seguida, fizemos uma releitura sem paradas e solicitamos que os alunos respondessem à atividade diagnóstica, lembrando sempre que não valia nota, que não pescassem, pois precisávamos saber quais eram as dificuldades da turma e isso só seria possível se eles respondessem apenas o que soubessem e se soubessem.

Na terceira semana, discutimos as respostas dadas pela turma e a caracterização do narrador do texto da semana anterior. Só então iniciamos a motivação da leitura do texto “De Pirocia a Montese”. Primeiro perguntamos quais bairros de Fortaleza eles conheciam, se algum deles conhecia o Montese ou a escola Vicente Fialho, ou alguém que já tivesse estudado nessa escola; depois se eles sabiam o que era Pirocia ou se já haviam ouvido esse nome. Falamos que esse texto havia sido escolhido para que eles pudessem ver exemplos de textos escritos por pessoas de nossa cidade e que eles poderiam visualizar o bairro e a escola pela Internet e quem sabe fazer uma visita. Seguimos o modelo da aula de apresentação, com leitura discutida, releitura e questionário em conjunto, sempre procurando fazer com que todos participassem da resolução do questionário, que, como os demais, buscava demonstrar a identificação dos referentes, sua progressão e a influência das recategorizações para a coesão e coerência do texto. Relembramos o que era a prosopopeia, que, também nesse texto, foi bastante utilizada.

Havíamos programado o texto “No tempo da lamparina” para a quarta semana, porém a escola resolveu realizar o campeonato esportivo interclasses e não foi possível aplicá-lo; mas ele consta nos anexos, pois acreditamos ser uma boa ideia aplicar a pesquisa completa em uma turma regular, na qual, provavelmente, o desnível de conhecimentos seja menor. Devido à chegada do final do ano, a correria em

elaborar provas e recuperação paralela, além da correção dos trabalhos para fechar notas, decidimos que a última atividade seria objetiva, o que facilitaria a análise dos dados e seria mais rápido para corrigir e dar um retorno aos alunos sobre seus progressos.

O texto “Uma saudade chamada ‘Quitandinha’”, escolhido para a segunda atividade diagnóstica e conclusão da pesquisa, também foi escrito por uma aluna de Fortaleza, estudante da Escola Renato Braga, que fica na Avenida Rui Barbosa, no bairro Aldeota. Indagamos se algum deles já tinha ouvido falar dessa escola ou se conheciam a avenida ou o bairro. Em seguida, perguntamos qual seria o significado da palavra Quitandinha; o que eles achavam que era uma quitanda; se eles sentiam saudades de alguém ou de algo; com quem eles moravam; quem tinha uma família convencional, com pai, mãe e irmãos. Após a motivação, fizemos a leitura discutida e a releitura e solicitamos aos alunos que respondessem somente o que soubessem, pois a realização da atividade não implicaria em nota.

A experiência foi relevante, principalmente pelo depoimento de alguns alunos, que afirmavam compreender melhor os textos, gostar da metodologia e insistiam para que eu continuasse sendo a professora deles no ano seguinte.

Delineado todo nosso percurso de investigação, apresentaremos o passo a passo das atividades da proposta de intervenção.

6.4.1 Proposta de atividades com os processos referenciais e a construção de sentido no gênero Memórias Literárias

a) Aula 1 – etapas 1 e 2 – 4 h/a de 55 minutos – total 220 minutos

Motivação:

A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro adota como tema “O lugar onde vivo”. Os concursos ocorrem em anos pares, para premiação dos alunos de escolas públicas, e estão divididos em quatro categorias:

- Poema – 5º e 6º anos do Ensino Fundamental.
- Memórias literárias – 7º e 8º anos do Ensino Fundamental.
- Crônica – 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio.
- Artigo de opinião – 2º e 3º anos do Ensino Médio.

A categoria com a qual trabalharemos será Memórias Literárias e tem como objetivos melhorar a compreensão leitora e facilitar a participação dos alunos no ano de 2018. Para uma melhor compreensão do gênero, o manual das olimpíadas traz a seguinte definição de memória e memórias, de acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa:

- memória - “aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas; lembrança, reminiscência”.

- memórias - “relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular”.

Partindo desses conceitos, refletimos: quantos de nós já nos reunimos com familiares ou amigos para relembrar coisas importantes que nos aconteceram, episódios interessantes, uma festa, um passeio, uma travessura, uma viagem, um costume ou uma aventura, lembranças da infância ou até coisas recentes, que nos marcaram e que gostaríamos de registrar para não cair no esquecimento.

O título do texto que iremos ler é “Parecida mas diferente”. Sobre o que vocês acham que seria esse texto, o que seria parecida? Qual seria a diferença?

Vamos ler um texto do gênero textual Memórias Literárias e vamos sublinhar todos os personagens que encontrarmos no texto. Em seguida, vamos tentar caracterizá-los e discutir oralmente qual a importância de cada um deles para o desenvolvimento da história.

Comentário:

Esta atividade permite conhecer a introdução referencial. O texto apresenta a “nona Pina” e é interessante perceber se os alunos associam a palavra nona, do italiano, a vovó do português. A personagem Carolina só é mencionada uma vez e não vem acompanhada por nenhuma palavra que indique seu parentesco com Zélia, que usa palavras como vovô e nona para designar Eugênio e Pina. Fizemos uma primeira leitura, parando a cada parágrafo e questionando os alunos para resumirem o que estavam compreendendo e depois uma leitura sem interrupções.

Texto:

Parecida mas diferente

Zélia Gattai

O pai de Zélia Gattai costumava contar a história de como sua família havia vindo da Itália para o Brasil. Uma vez, quando ele narrava a viagem dos Gattai — que era o nome da família de seu pai —, Zélia, então menina, observou que Eugênio, seu avô materno, escutava atentamente. Então, pediu a ele que também contasse a história da família da mãe, os Da Col.

Vovô veio da Itália com toda a família, contratado como colono para colher café numa fazenda em Cândido Mota, em São Paulo. Nona Pina passou a viagem toda rezando, pedindo a Deus que permitisse chegarem com vida em terra. Tinha verdadeiro pavor de que um dos seus pudesse morrer em alto-mar e fosse atirado aos peixes. Carolina ressentiu-se muito da viagem, estranhou a alimentação pesada do navio, adoeceu, mas desembarcaram todos vivos no Porto de Santos.

A família fora contratada por intermédio de compatriotas do Cadore, chegados antes ao Brasil. Diziam viver satisfeitos aqui e entusiasmavam os de lá através de cartas tentadoras: “Venham! O Brasil é a terra do futuro, a terra da ‘cucagna’... pagam bom dinheiro aos colonos, facilitam a viagem...”.

Com os Da Col, no mesmo navio, viajaram outras famílias da região, todos na mesma esperança de vida melhor nesse país promissor. Viajaram já contratados, a subsistência garantida.

Em Santos, eram aguardados por gente da fazenda, para a qual foram transportados, comprimidos como gado num vagão de carga.

Ao chegar à fazenda, Eugênio Da Col deu-se conta, em seguida, de que não existia ali aquela “cucagna”, aquela fartura tão propalada. Tudo que ele idealizara não passava de fantasia; as informações recebidas não correspondiam à realidade: o que havia, isto sim, era trabalho árduo e estafante, começando antes do nascer do sol; homens e crianças cumpriam o mesmo horário de serviço. Colhiam café debaixo de sol ardente, os três filhos mais velhos os acompanhando, sob a vigilância de um capataz odioso. Vivendo em condições precárias, ganhavam o suficiente para não morrer de fome.

A escravidão já fora abolida no Brasil, havia tempos, mas nas fazendas de café seu ranço perdurava.

Notificados, certa vez, de que deviam reunir-se, à hora do almoço, para não perder tempo de trabalho, junto a uma frondosa árvore, ao chegar ao local marcado para o encontro os colonos se depararam com um quadro deprimente: um trabalhador negro amarrado à árvore. A princípio, Eugênio Da Col não entendeu nada do que estava acontecendo, nem do que ia acontecer, até divisar o capataz que vinha se chegando, chicote na mão. Seria possível, uma coisa daquelas? Tinham sido convocados, então, para assistir ao espancamento do homem? Não houve explicações. Para quê? Estava claro: os novatos deviam aprender como se comportar; quem não andasse na linha, não obedecesse cegamente ao capataz, receberia a mesma recompensa que o negro ia receber. Um exemplo para não ser esquecido.

O negro amarrado, suando, esperava a punição que não devia tardar; todos o fitavam, calados.

De repente, o capataz levantou o braço, a larga tira de couro no ar, pronta para o castigo. Então era aquilo mesmo? Revoltado, cego de indignação, o jovem colono Eugênio Da Col não resistiu; não seria ele quem presenciaria impassível ato tão covarde e selvagem.

Impossível conter-se!

Com um rápido salto, atirou-se sobre o carrasco, arrebatando-lhe o látigo das mãos.

Apanhado de surpresa, diante da ousadia do italiano, perplexo, o capataz acovardou-se.

O chicote, sua arma, sua defesa a garantir-lhe a valentia, estava em poder do “carcamano”; valeria a pena reagir? Revoltado, fora de si, esbravejando contra o capataz em seu dialeto dos Montes Dolomitas, o rebelde pedia aos companheiros que se unissem para defender o negro. Todos o miravam calados. Será que não compreendiam suas palavras, seus gestos? Certamente sim, mas ninguém se atrevia a tomar uma atitude frontal de revolta. Católico convicto, ele fazia o que lhe ditava o coração, o que lhe aconselhavam os princípios cristãos...

De repente, como num passe de mágica, o negro viu-se livre das cordas que o prendiam à árvore. O capataz apavorou-se. Quem teria desatado os nós. Quem teria? O topetudo não fora, estava ali em sua frente, gesticulando, gritando frases incompreensíveis, ameaçador, de chicote em punho... O melhor era desaparecer o quanto antes, rapidamente: “esses brutos poderiam reagir contra ele. A prudência mandava não facilitar”.

Nessa mesma tarde, a família Da Col foi posta na estrada, porteira trancada para “esses rebeldes imundos”. Estavam despedidos. Nem pagaram o que lhes deviam. “Precisavam ressarcir-se do custo do transporte de Santos até a fazenda...” E fim. Pela estrada deserta e infinita, seguiu a família, levando as trouxas de roupas e alguns pertences que puderam carregar, além da honradez, da coragem e da fé em Deus.

Anarquistas, graças a Deus. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

Atividade:

Agora que nós lemos o texto (professora com alunos), vamos saber quais personagens vocês sublinharam e qual a importância deles. No primeiro parágrafo, por exemplo, é possível perceber que o pai de Zélia era orgulhoso de sua origem pela expressão “costumava contar”, ou seja, repetia a história de sua família; enquanto o avô materno era humilde e só escutava, mesmo sendo também de origem italiana e tendo uma história tão bonita de sua chegada ao Brasil. Agora vamos juntos responder a algumas questões:

Comentário:

Os alunos foram estimulados a dizer suas versões de respostas, estas foram escritas no quadro para que eles escolhessem qual seria a resposta ideal que todos escreveriam.

1 – Quem vivenciou e está narrando os acontecimentos dessa história?

2 – Observe o título: “Parecida mas diferente”. O que seria parecida?

3 – Qual é o primeiro personagem que aparece no texto e qual a sua importância na narrativa?

4 – O texto fala sobre quais famílias e o que elas têm em comum?

5 – Quem enganou a família Da Col?

6 – O que era prometido nas cartas?

7 – Como Zélia se refere à avó?

8 – Releia o trecho:

“Notificados, certa vez, de que deviam reunir-se, à hora do almoço, para não perder tempo de trabalho, junto a uma frondosa árvore, ao chegar ao local marcado para o encontro os colonos se depararam com um quadro deprimente: um trabalhador negro amarrado à árvore.”

a) O que muda se a expressão “trabalhador negro” fosse escrita trocando a posição das palavras “negro trabalhador”?

b) A que se refere a expressão “quadro deprimente”?

9 – Eugênio fala de duas regiões na Itália: a que eles moravam antes de vir para o Brasil e a região de onde se originava o dialeto usado por ele na época de sua chegada. Qual o nome dessas localidades?

10 – Releia o primeiro parágrafo do texto e marque a opção que indica a quem se referem respectivamente os pronomes destacados:

“O pai de Zélia Gattai costumava contar a história de como **sua** família havia vindo da Itália para o Brasil. Uma vez, quando **ele** narrava a viagem dos Gattai — que era o nome da família de **seu** pai —, Zélia, então menina, observou que Eugênio, **seu** avô materno, escutava atentamente. Então, pediu a **ele** que também contasse a história da família da mãe, os Da Col.”

- () pai de Zélia, avô de Zélia, Zélia, pai de Zélia, pai de Zélia.
- () avô de Zélia, pai de Zélia, mãe de Zélia, Zélia, avô de Zélia.
- () pai de Zélia, pai de Zélia, Zélia, Zélia, avô de Zélia

11 – No trecho “Tinha verdadeiro pavor de que um dos **seus** pudesse morrer em alto-mar e fosse atirado aos peixes”, a quem se refere o pronome grifado?

- () Vovô
- () Toda a família
- () Nona Pina

12 – A quais lugares se referem as palavras “aqui” e “lá” no trecho “Diziam viver satisfeitos **aqui** e entusiasmavam os de **lá** através de cartas tentadoras”?

13 – A palavra “todos” no trecho “(...) mas desembarcaram **todos** vivos no Porto de Santos” se refere:

- () à tripulação do navio.
- () à família Da Col.
- () aos passageiros do navio.

14 – Qual meio de transporte foi utilizado na viagem do Porto de Santos até a fazenda onde a família iria trabalhar?

- () Carroça.
- () Navio.
- () Trem.
- () Burro.

15 – No texto é possível depreender que os italianos, antes da viagem, acreditavam que o Brasil fosse um país promissor, a terra da oportunidade, do dinheiro e da fartura. Que palavra eles utilizam para sintetizar essas características?

16 – Releia o trecho: “A escravidão já fora abolida no Brasil, havia tempos, mas nas fazendas de café seu **ranço** perdurava”. A que se refere a palavra “ranço” nesse contexto?

17 – A palavra “tudo” no trecho “**Tudo** que ele idealizara não passava de fantasia” se refere a:

- () ter emprego para toda a família.
- () ter uma vida melhor aqui do que na Itália.
- () ter fartura de alimentos.

18 – Observe a marcação no seguinte trecho e responda de forma resumida:

“Notificados, certa vez, de que deviam reunir-se, à hora do almoço, para não perder tempo de trabalho, junto a uma frondosa árvore, ao chegar ao local marcado para o encontro os colonos se depararam com um quadro deprimente: um trabalhador negro amarrado à árvore. A princípio, **Eugênio Da Col não entendeu nada do que estava acontecendo, nem do que ia acontecer**, até divisar o capataz que vinha se chegando, chicote na mão. Seria possível, uma **coisa** daquelas? Tinham sido convocados, então, para assistir ao espancamento do homem? Não houve explicações. Para quê? **Estava claro**: os novatos deviam aprender como se comportar; quem não andasse na linha, não obedecesse cegamente ao capataz, receberia a mesma recompensa que o negro ia receber. Um exemplo para não ser esquecido.”

a) O que estava acontecendo?

b) O que ia acontecer?

c) O que ele está denominando de “coisa”?

d) O que estava claro?

19 – A que se refere a palavra “ato” no seguinte trecho?

“Não seria ele quem presenciaria impassível ato tão covarde e selvagem.”

20 – No trecho “esses brutos poderiam reagir contra ele”, quem seriam os brutos?

21 – Quem está denominado no texto pela expressão “esses rebeldes imundos”?

22 – O texto faz referência a coisas valiosas que a família não deixou para trás na fazenda. Que coisas são essas?

23 – Copie do texto as diferentes formas como o narrador se refere aos seguintes personagens e objetos:

Exemplo: Negro – Um trabalhador negro, do homem, o negro (4x), o (2x)

a) Eugênio - _____

b) Italianos - _____

c) Capataz - _____

d) Chicote - _____

e) Família Da Col - _____

b) Aula 2 – etapa 3 (atividade diagnóstica) e 4 (análise dos dados) – 2 h/a – 110 minutos

Comentário:

O nosso trabalho está voltado para a referenciação dos personagens e o texto “Memórias inundadas no passado” é repleto de prosopopeia, portanto uma excelente oportunidade de o aluno refletir sobre o que levou o autor a utilizar esse recurso. A primeira questão tem o objetivo de identificar a cidade de Itá como personagem principal e as demais estão divididas em introdução, identificação e caracterização do referente.

Motivação:

Para que seus textos fiquem mais interessantes, os autores costumam usar figuras de linguagem. É muito comum, por exemplo, o uso da metáfora, que funciona como uma comparação. Quando dizemos: Ela é uma flor! Estamos comparando a delicadeza ou a beleza dela com a de uma flor. Outra figura de linguagem muito usada é a hipérbole, que significa exagero. Como naquela música que diz: “O lencinho não dá pra enxugar o rio de lágrimas que eu tenho pra chorar”. A onomatopeia, por exemplo, aparece muito em histórias em quadrinhos, é quando usamos uma palavra para imitar um som: O gato faz “miau”, o relógio faz “tic-tac”. Dentre as diversas figuras de linguagem temos uma chamada prosopopeia, também conhecida por personificação e antropomorfismo. Toda vez que atribuímos atitudes e sentimentos a seres inanimados, ou seja, a coisas, ou pessoas já falecidas, animais, fenômenos da natureza ou figuras imaginárias, estamos criando uma prosopopeia. Por exemplo: “Hoje até o Sol está mais feliz.” O sol é uma estrela, não fica feliz nem triste. O texto que iremos ler hoje está repleto de prosopopeia, inclusive a personagem principal do texto não é uma pessoa. Vamos tentar descobrir o motivo que levou o autor a usar essa figura de linguagem. Nós vamos ler o primeiro texto de memórias literárias da coletânea dos textos finalistas de 2016 da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. O título é Memórias inundadas do passado. Vocês acham que ele vai falar de uma inundação real ou sobre uma memória inundada de saudade? Se for sobre uma inundação real, o que poderia provocar uma inundação?

Comentário:

O texto foi lido e discutido em grupo, mas as questões foram respondidas individualmente, em alguns casos um ou outro aluno pediu que a professora lesse as questões que eles não estavam compreendendo.

Texto:

Memórias inundadas no passado

Aluna: Mariana Carla Hochwart

Todos têm sua história e eu tenho a minha. Lembro-me daquele belo cantinho no oeste catarinense. Minha submersa Itá, minha casa, meus vizinhos, amigos e velhos conhecidos, enfim, daquele pacato e aconchegante lugar onde tudo prosperava. Meus olhos se enchem de lágrimas, quando me deparo com as fotos que reacendem em minha memória momentos inesquecíveis do meu passado.

Lembro-me que, com a construção da barragem, houve muito sofrimento, não era cansaço diante da sua construção, mas sim, olhar para a velha Itá e saber que podia ser a última vez que veríamos aquelas rosas à beira da estrada perfumando nossas manhãs, aquele simbólico verde das árvores atraindo adoráveis pássaros que cantavam suavemente. As estradas eram de chão, por onde passavam muitas carroças e poucos carros.

Eu trabalhava na imensa construção da Usina Hidrelétrica de Itá, enquanto minha mãe e minha esposa arrumavam as malas e tentavam pegar o máximo possível daquela casa de madeira que parecia tremer diante do que iria lhe acontecer. O povo, indignado, de lá não queria sair, e grandes protestos faziam para se defender dos respeitadíssimos arquitetos que, em nome do progresso, planejavam e executavam a inundação das terras, casas, histórias etc.

E, dentro de pouco tempo, o que parecia longínquo se tornava real. A água chegava devagar e, aos poucos, inundava a história dos itaenses. Amargurados e confusos pelo sofrimento, os jogadores da equipe Ser Cruzeiro resolveram fazer uma última partida de futebol entre amigos para celebrar a despedida daquele majestoso tapete verde que, por muitos anos, foi palco de conquistas e alegrias. Era uma mistura de sentimentos e emoções que pulsava no coração de todos. Aos poucos, a água, como se fosse uma torcedora fanática, foi tomando conta do campo e, carinhosamente, expulsando os atletas. Foi com a água em seus joelhos que a partida acabou.

E, aqueles jogadores, que haviam passado vários de seus melhores momentos ali, olharam tristemente a água se apossando do campo, conscientes de que era o momento de se despedir, deixar para trás suas vontades e, entre risos e choros, foram abandonando suas recordações em direção aos seus novos lares.

Dessa mesma forma, aconteceu com nossas casas que, aos poucos, foram sumindo. Subimos no alto do morro e as vimos desaparecer lentamente, e um choro inundou de esperança nossos corações. Tudo foi invadido pelas águas do rio Uruguai, porém as torres da igreja se mantiveram fortes, travando uma dura batalha contra a inundação. Hoje, são as únicas lembranças concretas que, de certa forma, contam a história e testemunham que ali já existiu uma cidade.

Aos poucos, fomos nos reconstruindo, nos adaptando, dando formas ao nosso novo lar.

Preenchemos o vazio dos nossos corações humildes e fragilizados com toda essa mudança e, agora, nos deparamos com uma cidade enfeitada com flores e

árvores. Pessoas desconhecidas aqui fixaram residência, porém, bem no meu íntimo, sei que por mais que tentamos substituir as belas rosas, o suave canto dos pássaros, as festas alegres daquele povo pacato, nada terá tamanha beleza como a minha velha Itá. Lembranças que insistem em reviver no meu pensamento. Tudo isso paira na memória de quem sentiu na pele essa mudança, e são as fotos que aliviam nossa dor e preenchem nosso coração.

“Itá, onde eu estiver, estarei contigo, inundado pela saudade que tu me deixaste.”

(Texto baseado na entrevista feita com o senhor Clóvis Hochwart, meu pai, de 50 anos.)

Professora: Cristiane de Fátima Morais Zandonai
Escola: E. M. E. B. Valentin Bernardi – Itá (SC)

Compreendendo o que são Memórias Literárias

Memórias Literárias é um gênero textual que se configura em um misto de fatos históricos de uma época com uma autobiografia e tem por base lembranças pessoais. Por ser literária, a realidade serve apenas de base, ou seja, há liberdade para recriar as situações ou os fatos narrados e não se obriga a retratar exatamente o que aconteceu. Isso fica evidente na primeira frase do texto “Todos têm sua história e eu tenho a minha”, assim o autor deixa clara a existência de outras versões para os fatos que ele narra.

As questões a seguir devem ser respondidas individualmente, vocês não devem olhar as respostas dos colegas, respondam somente o que souberem responder e da maneira que quiserem responder, como se fosse uma prova, mas que não vale nota. Essas questões servem apenas para mostrar o que deve ser ensinado nas próximas aulas.

Atividade:

1- Após ler o texto, observe o título “Memórias inundadas no passado”. Podemos afirmar que o autor escolheu esse título porque o texto conta a história:

- () de sua vida.
- () da inundação da cidade de Itá.
- () da construção da barragem.
- () do povo da cidade.

2- Qual expressão o autor utiliza para mencionar a cidade pela primeira vez?

- () Belo cantinho no oeste catarinense.

- () Minha submersa Itá.
- () Daquele pacato e aconchegante lugar.
- () Onde tudo prosperava.

3- O texto apresenta um narrador personagem, que fala em primeira pessoa. Escreva os dados pessoais desse narrador de acordo com o texto.

a) Nome: _____

b) Em que trabalhava antes da inundação:

c) Gênero: () Masculino () Feminino

d) Estado civil: _____

e) Membros da família que moravam na cidade e que é possível comprovar pelo texto:

4- O autor se utiliza da prosopopeia (personificação) para atribuir atitudes a seres inanimados. Releia o texto e responda:

a) O que reacende momentos inesquecíveis na memória do autor?

b) O que parecia tremer de medo?

c) O que expulsou, carinhosamente, os atletas?

d) O que travou uma dura batalha contra a inundação?

e) O que alivia a dor do povo?

5 - Qual a intenção do autor ao resolver utilizar-se da prosopopeia?

6 - De acordo com o texto:

a) Quem estava amargurado?

b) Quem estava indignado?

c) Quem era respeitado?

d) Quem cantava?

e) Quem arrumava as malas?

7- A quem se refere o pronome **tu** no texto?

8 - O autor revela que trabalhava na construção da Usina Hidrelétrica de Itá e deixa claro que enquanto sua mãe e sua esposa arrumavam as malas e tentavam pegar o máximo possível da casa onde moravam, o povo não queria sair da cidade. É possível concluir que o autor e sua família tinham uma posição diferente dos demais moradores em relação à inundação da cidade? Explique sua resposta.

9 - Releia o trecho: “grandes protestos faziam para se defender dos respeitados arquitetos”. Agora responda:

a) Quem respeitava os arquitetos?

b) Se o autor tivesse usado o adjetivo “malditos” em vez de “respeitados”, o que mudaria na relação entre ele e o povo da cidade?

10 - No trecho “Aos poucos, a água, como se fosse uma torcedora fanática, foi tomando conta do campo e, carinhosamente, expulsando os atletas. Foi com a água em seus joelhos que a partida acabou”. Se fosse substituído o advérbio de modo

“carinhosamente” por “impiedosamente”, poderíamos afirmar que um sentimento de nostalgia presente no texto seria substituído por qual sentimento?

c) Aula 3 – etapa 5 – 2 h/a – 110 minutos

Comentário:

Nesta atividade, fizemos uma leitura das questões da aula anterior – atividade diagnóstica - e pedimos que eles respondessem oralmente para podermos discutir as respostas dadas e eliminar as dúvidas dos alunos. O texto a seguir foi selecionado por ter sido escrito por uma aluna de nossa cidade. Acreditamos que a identificação com um local e escola conhecidos possa estimular os alunos a participarem das Olimpíadas.

Motivação:

Quais bairros de Fortaleza vocês conhecem? Algum de vocês conhece o bairro Montese ou a escola Vicente Fialho? Vocês já ouviram falar de Pirocaia? Sabem o que é Pirocaia? Vocês conhecem a escola Vicente Fialho ou alguém que estude ou já estudou nessa escola? O texto que iremos ler também faz parte da coletânea de textos vencedores das Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro e foi escolhido por ter sido escrito por uma aluna de nossa cidade. Vocês podem, depois, visualizar a escola e o bairro pela Internet. O título é De Pirocaia a Montese. De onde podem ter vindo estes nomes?

Texto:

De Pirocaia a Montese

Aluna: Vitoria Maria Xavier Rocha

As maiores lembranças de Pirocaia estão guardadas na mente de muitas pessoas que, como eu, as vivenciaram. Mesmo contadas por mim, nunca serão sentidas da mesma forma de quem as presenciou.

Em 1945, eu era um soldado à disposição da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, bravamente, combatia na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial.

Esperava me transformar de pequeno soldado em grande guerreiro, que lutasse pelo meu país, afinal a defesa da pátria estava acima de tudo, como diziam meus superiores. Pronto para a luta, esperava minha missão de seguir para o campo de batalha. Mas fui destacado para ficar no Paiol da Pólvora, na Lagoa Seca, enquanto aguardava ser chamado para ser protagonista no *front* principal. Cheio de incertezas como qualquer jovem que lá estava, mas com a esperança de regressar para meus familiares e, principalmente, para os braços da minha amada que ficara em Groaíras.

Um dia a guerra acabou. Fui licenciado do exército. Planejava retornar às origens de um sertanejo nato, trabalhar no roçado, lidar com o gado, enfrentar o sol escaldante do meu sertão. Mas o destino me reservava outro caminho.

Um amigo de meu pai me ofereceu um terreno na Pirocaia para eu ficar morando em Fortaleza e não retornar para o interior. Rabisquei algumas palavras, não tinha ainda completado o curso primário, e enviei para minha noiva. As minhas “mal traçadas linhas” seguiam por um portador e, mesmo com atraso, chegavam ao seu destino.

Pirocaia era um imenso matagal onde tinha um riacho que o deixava alagado. O local era bastante conhecido devido à quantidade e à qualidade de água potável. Lá se produzia a melhor água da cidade que era transportada por carroças com imensos tonéis de madeiras. Não existia transporte para o centro, saindo de Pirocaia. Quem não tivesse seu animal de montaria caminhava até a atual Avenida João Pessoa para pegar um transporte. Ou então iria a pé até a Praça da Gentilândia e de lá pegava o bonde.

Naquele tempo, podíamos sair de casa e voltar tarde da noite sem nos preocupar com a violência. A casa dormia com as portas e janelas abertas já que não tinha perigo de nada.

Vivíamos uma vida sossegada e leve. A bandidagem era basicamente de ladrões de galinha, dos “pés de chinelo”. O principal trabalho da polícia era levar os casais que se agarravam de forma “indecente” nas praças até a presença do delegado para se explicarem. O serviço era feito em um carro preto que metia medo em todos só com o ronco dele. Era carinhosamente conhecido como “Madalena”.

As casas eram simples, feitas de taipas em sua maioria. Nas portas existiam cancelas, feitas com talos da folha de carnaúba. Alguns usavam varas de marmeleiro que eram abundantes na região. Usávamos fogão a lenha já que não existia o fogão a gás. Ainda lembro-me do forte cheiro de café que nos convidava para uma pausa nos afazeres.

O vento passeava e acariciava os rostos das pessoas livremente. A temperatura era muito agradável para qualquer estação do ano. No inverno o ambiente era hostil para os moradores já que alagava tudo. As crianças aproveitavam para ser divertirem na lama.

Hoje, Pirocaia não existe mais no nome. Em homenagem aos 25.000 brasileiros que formavam a FEB e aos que combateram na memorável e histórica Batalha de Montese, na Itália, consegui mudar o nome da região para Montese, um dos bairros mais movimentados de Fortaleza. Mesmo assim, Pirocaia permanece viva na memória de pessoas que sentiram seus ares e que teimam em continuar sua jornada na terra enquanto não somos chamados para o descanso eterno.

O vento não vem mais me visitar devido às construções, raramente ele dá as caras. O verde cedeu seu espaço para o cinza do concreto das construções. As fontes riquíssimas de água secaram atropeladas pelo progresso que veio como rolo compressor para esmagar o passado. A violência tomou conta e vivo encarcerado com

cercas de arame nos muros de minha casa para não ser incomodado. Os vizinhos não conversam como antes.

O sentimento de nostalgia invade e inunda meu coração. Mas fico feliz podendo contar a todos alguns desses momentos mágicos e memoráveis que ficaram guardados na minha memória.

(Texto baseado em entrevista feita com o senhor Raimundo Nonato Ximenes, 93 anos.)

Professor: Joaquim Filho Lima Correia
Escola: E. M. Vicente Fialho – Fortaleza (CE)

Atividade:

Agora vamos resolver algumas questões sobre o texto que vão ajudar a identificar os personagens e a sua importância ao longo da narrativa.

1 – Onde estão guardadas as maiores lembranças de Pirocaia e o que é necessário para senti-las com maior intensidade?

2 – Quem combatia na Europa?

3 – Quem dizia que a defesa da pátria estava acima de tudo?

4 – Quem estava cheio de incertezas e onde essa(s) pessoa(s) estava(m)?

5 – Para quem o senhor Raimundo tinha esperança de regressar e onde essa(s) pessoa(s) estava(m)?

6 – Quem lhe ofereceu um terreno na Pirocaia e por quê?

7 – Para quem ele escreveu e quem levou a correspondência?

8 – A quem era atribuída a bandidagem?

9 – Qual o principal trabalho da polícia na época?

10 – Quem gostava e quem não gostava do período de inverno e por quê?

11 – Quem mudou o nome de Pirocaia e por quê?

12 – Atualmente, quem mudou o comportamento, o que mudou e por quê?

13 – O narrador se utiliza da prosopopeia (personificação) para atribuir atitudes humanas a seres inanimados. Releia o texto e responda:

a) O que dormia com as portas e janelas abertas?

b) O que metia medo em todos com seu ronco e qual seu nome carinhoso?

c) O que os convidava para uma pausa nos afazeres?

d) O que acariciava os rostos das pessoas?

e) O que não vem mais visitar o narrador?

f) O que cedeu seu espaço a construções de concreto?

g) O que atropelou as fontes de água?

h) O que veio esmagar o passado?

14 – Releia o trecho a seguir e responda:

“Esperava me transformar de **pequeno** soldado em **grande** guerreiro.”

a) Qual o significado das palavras “**pequeno**” e “**grande**” nesse trecho?

b) O que seria necessário para que ocorresse a transformação dele de “pequeno soldado” em “grande guerreiro”?

15 – Leia o trecho: “enquanto aguardava ser chamado para ser protagonista no *front* principal”. Sabendo que “protagonista” é a personagem principal, em geral é o “herói” da narrativa, o que poderia acontecer para o autor sentir-se como protagonista?

d) Aula 4 – etapa 5 – 2 h/a – 110 minutos

Motivação:

Vocês poderiam dizer o nome de alguns objetos que eram usados no tempo da bisavó de vocês, mas que hoje não se usa mais? Quando falta energia elétrica, como vocês fazem para iluminar a casa? E nos locais onde não possui energia elétrica, como vocês acham que as pessoas iluminam suas casas? Vocês sabem como era a iluminação de antigamente? Vocês conhecem a lamparina? Como ela funciona? Qual a diferença entre candelabro, candeeiro e lamparina? Vocês poderiam desenhar ou descrever esses três objetos? Vamos ler um texto de uma cearense que fala sobre a importância de um desses objetos para ela.

Texto:

No tempo da lamparina

Aluna: Tarciane Ferreira Dias

Eu ainda me lembro! A década era dos anos 1920, e em mim marcou tanto! O lugar das minhas lembranças chamava-se Pavuna, significando Vale Escuro, nome dado pelas primeiras famílias que, fugindo da seca do sertão cearense, aqui se instalaram.

As poucas casas eram de taipa, feitas de barro e coberta por palhas da palmeira, exceto a “casa grande” construída de tijolos e coberta de telha. Hoje virou tapera. Decerto a casa era habitada por uma família de posses, pois até escravos tinha para o trabalho servil da lavoura. E sabe quem protagonizava o cenário nessas casas? A mirrada lamparina, companheira fiel na hora da necessidade. Por séculos não se tinha noção do que fosse essa “tal” eletricidade, porém, ninguém vivia nas trevas ou apenas pelo clarear da lua e das estrelas. A lamparina, com sua luz turva, testemunhava o atraso de um país rico-pobre, testemunhava vidas... mortes; idas... vindas... Foi ainda a fiel parceira da parteira, do casal de namorados na sala em companhia dos pais da moça. Em casa podia faltar tudo, mas não podia faltar o querosene, combustível que gerava o fogo unido ao algodão em forma de pavio. Meu caso de amor com ela começou no meu nascimento, que se deu no meio da noite entre gemidos e cantares, vindos da lagoa, do curral e das matas. O tinir da tesoura nas mãos da parteira completava a orquestra. Depois de algum tempo entendi o motivo da festança, era mais um parto que as mãos santas da parteira concluíam com êxito, ao contrário de tantos outros que finalizavam em óbito por complicações na hora do parto.

Eu também me lembro de um homenzinho franzino, esfarrapado e simpático que trazia no ombro um atilho de lamparinas a vender de porta em porta, por um valor

insignificante. Na minha infância ela estava lá a olhar, sorrateiramente, as brincadeiras de roda, de esconde-esconde e pega-pega. Toda aquela inocência, apagada hoje pelos bons ventos do progresso, me faz ver o quanto a vida é importante para o ser humano! Foi ainda no escurinho da lamparina meu primeiro aperto de mão da pessoa amada, e mais tarde, o beijo no rosto roubado e às escondidas. Da sala ao lado, papai murmurava a queima desnecessária do querosene, logo eu entendia que era chegada a hora do adeus. Os anos se passaram, o limiar de uma nova era chegou, trazendo nova roupagem para vestir os sonhos das novas gerações. Surgiu a eletricidade, deixando para trás a água da cacimba, o banho de rio, a carona do carro de boi na estrada de chão. A parteira cedeu lugar ao médico; a palmatória da professora transformou-se em diálogo; fazer as refeições sentados no chão virou diversão, piquenique; fogão a lenha, moda de viola. Pavuna hoje é Jaburuna, o Vale Aprumado. O lugar onde eu ainda vivo, com quase um século, está irreconhecível. Tenho 98 anos, mas na minha memória nada mudou, permanecem os mesmos cenários, os mesmos artistas. O palco turvo apenas ganhou nova iluminação. Até a lamparina ganhou um novo *design*: a aparência de um disco voador.

Eu me chamo Iracema. Trago em meu nome a figura de uma índia cearense, a qual José de Alencar escolheu para eternizar o amor sublime em seus escritos.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora Iracema Costa, 98 anos.)

Professora: Adeilta Pereira Carvalho - Escola: E. E. I. E. F. Luís Ribeiro da Silva – Ubajara (CE)

Atividade:

1 – Que pistas o texto oferece para que a senhora Iracema fale sobre a lamparina e quais acontecimentos importantes ela a faz lembrar?

2 – Quais as características do vendedor de lamparinas e por que essas características são importantes?

3 – Que profissão a senhora Iracema considerava importante naquela época e por quê?

4 – Qual o atual nome da cidade e o que ele significa?

5 – Como os pais daquela época sinalizavam que era hora de o namorado da filha ir embora?

6 – A senhora Iracema demonstra sentir orgulho de seu nome. Qual motivo a leva a agir assim?

7 – Além de seu nome, que outra pista o texto nos dá sobre essa característica da personalidade da senhora Iracema?

8 – Complete o quadro comparativo entre o passado e o presente de acordo com o texto.

PASSADO	PRESENTE
Luz de lamparina	Luz elétrica
	Médico
Casa grande	
	Tijolos
	Água da torneira
	Banho de chuveiro
Palmatória	
	Fogão a gás
	Jaburuna

e) Aula 5 – etapa 6 (segunda atividade diagnóstica) – 1 h/a – 55 minutos

Motivação:

O texto que iremos ler agora também foi selecionado por ter sido escrito por uma aluna de Fortaleza.

Alguns de vocês conhecem a escola Renato Braga ou a Avenida Rui Barbosa ou o bairro Aldeota? O título do texto é “Uma saudade chamada “Quitandinha”, qual o significado de quitandinha? O que vocês acham que é uma quitanda? Vocês sentem saudade de alguém ou de algo? Com quem vocês moram? Quem tem uma família convencional com pai, mãe e irmãos?

Comentário:

O texto foi lido e discutido em grupo e as questões foram respondidas individualmente.

Texto:

Uma saudade chamada “Quitandinha”
Aluna: Ana Rayssa Reinaldo do Nascimento

Deitada em uma rede na varanda de casa, vislumbro cada momento, cada instante do bom tempo de minha infância, uma infância passada na Rua Parque Quitandinha, na cidade de Fortaleza. Muitas árvores, poucas casas e ruas tranquilas, de chão batido, onde uma leve poeira subia quando o vento soprava. Tudo isso está dentro de minha memória e surge como um *flash*.

Morava próximo a uma padaria e toda manhã acordava com aquele cheirinho de pão, mas nem sempre podia ir comprá-lo. Era uma época difícil. Minha mãe criava, sozinha, seus seis filhos, com muito amor e esperança de dias melhores. Hoje a padaria do senhor Miguel ainda está lá, no mesmo lugar, agora no meio de vários prédios, e não é mais uma padaria, agora é uma luxuosa panificadora, sem o mesmo aconchego de antigamente nem a cadernetinha de anotar a “conta”.

Para mim, os melhores momentos eram as tardes de brincadeiras com as crianças da rua. Algumas muito arrumadas, com lacinhos na cabeça e vestido de organdi bordado, com suas belas bonecas; outras, correndo, soltando arraias, pulando corda ou brincando de pega-pega. Eu gostava de brincar de cirandinha, achava muito animado e cantava o mais alto que podia. Não havia coisa melhor. Ficava olhando aquelas meninas e imaginando um dia estar em um vestido igual ao delas, mas isso não me deixava triste, eram apenas pensamentos momentâneos.

Lembro-me da boneca de pano que minha mãe fez e que eu tanto amava, minha companheira, amiga e confidente que muito me escutava, com quem chorava, sonhava, com ela eu era uma princesa e tudo podia. Até hoje guardo-a num cantinho do meu armário. Olhar para ela traz alegrias ao meu coração. Sei que, apesar de todos os desafios, fui feliz e sinto saudades daqueles tempos.

À noitinha ficava na calçada, onde aos poucos chegavam as amigas de minha mãe. Ao longe, crianças brincando com seus pais e, subitamente, uma tristeza toma conta de mim. Recordo de meu pai, que se perdeu na triste caminhada no sertão cearense em busca de trabalho e nunca mais voltou. Hoje, sei o quanto são importantes o companheirismo e a presença afetiva de um pai. O vazio ainda permanece e uma lágrima teima em escorrer no meu rosto.

O tempo passou e a Parque Quitandinha foi desaparecendo, assim como suas casas simples. As ruas de chão batido foram dando lugar ao calçamento e aos postes com luzes. As conversas nas calçadas deram lugar à violência, aos assaltos. Crianças são engolidas pelas drogas e outras, na dança da roda da vida, só conseguem dar meia volta.

É, a cidade cresceu e a minha Rua Parque Quitandinha passou a ser Avenida Rui Barbosa, com muitos comércios, escolas e muitos carros a transitar. Agora, da varanda do meu apartamento, vejo como tudo está modificado, mas os momentos marcantes vividos aqui enchem meu coração de ternas recordações. Nessa hora sinto que a história vai continuar, talvez não seja Parque Quitandinha ou Rui Barbosa, quem sabe outro nome, mas enquanto eu estiver aqui ainda terei muito que recordar.

(Texto baseado na entrevista feita com a senhora **Francisca Vidal do Nascimento, 70 anos.**
Professora: Maria Gerlina Moreira da Silva
Escola: E. E. F. M. Renato Braga – Fortaleza (CE)

Atividade:

No texto percebemos que a autora se ressentida da falta do pai, mas em nenhum momento revela os bons momentos que possa ter tido com a mãe ou com os irmãos, estes foram mencionados apenas pela quantidade de pessoas que a mãe deveria sustentar sozinha e deles não sabemos nem o sexo ou se eram mais jovens ou mais velhos que a autora. Embora tenha boas lembranças de sua infância, ela, aparentemente, valorizou mais o que não teve do que o que possuiu. Vocês acham que essa atitude é uma característica isolada, ou do povo cearense ou dos brasileiros? Como você é? Você valoriza mais o que tem ou o que não possui? Agora é necessário que vocês respondam as questões isoladamente, não olhem as respostas dos colegas e não compartilhem as suas respostas, façam somente o que souberem responder, pois não vale nota. O que está sendo avaliado é o resultado da pesquisa.

1 – Releia o título do texto: ***Uma saudade chamada “Quitandinha”***. Quitandinha é

- a) o nome da boneca.
- b) a melhor amiga da narradora.
- c) a mãe da narradora.
- d) o nome da rua onde a narradora mora atualmente.

e) parte do nome da rua onde atualmente é a Avenida Rui Barbosa.

2 – Releia o trecho “toda manhã acordava com aquele cheirinho de pão, mas nem sempre podia ir comprá-lo”. Por que a narradora não podia comprar o pão toda manhã?

- a) Era difícil chegar à padaria.
- b) Era difícil comprar pão.
- c) Ela não gostava de pão.
- d) O pão era muito caro.
- e) A situação financeira da família era precária.

3 – Quantos irmãos maternos a narradora tinha?

- a) Quatro.
- b) Cinco.
- c) Seis.
- d) Não é possível saber porque o pai dela foi embora e pode ter tido outros filhos.
- e) O texto não fala sobre os irmãos da narradora.

4 – A narradora tinha por melhor amiga

- a) a mãe.
- b) a boneca de pano.
- c) a amiga da mãe.
- d) a menina com vestido de organdi bordado.
- e) a criança da rua.

5 – Segundo a narradora, a melhor coisa de sua infância era

- a) a boneca de pano.
- b) ficar olhando aquelas meninas e imaginando um dia estar em um vestido igual ao delas.
- c) cantar o mais alto que podia.
- d) ter um pai presente.
- e) ter as tardes de brincadeiras com as crianças da rua.

6 – De acordo com o texto, Miguel é

- a) pai da narradora.
- b) dono da padaria.
- c) irmão da narradora.
- d) amigo de brincadeiras.
- e) amigo da mãe da narradora.

7 – O que deixava a narradora triste?

- a) Não ter belas bonecas.
- b) Não ter dinheiro.
- c) Crianças brincando com seus pais.
- d) O vazio provocado pela ausência do pai.
- e) Não ter vestido de organdi bordado.

8 – O trecho ***“na dança da roda da vida, só conseguem dar meia volta”*** significa que

- a) algumas crianças não sabem mais dançar a cirandinha.
- b) algumas crianças usam drogas.
- c) algumas crianças não passam de ano na escola.
- d) algumas crianças não brincam mais.
- e) algumas crianças morrem antes de se tornarem adultos.

9 – O que aconteceu com o pai da narradora?

- a) Ele se perdeu.
- b) Ele foi para outro estado.
- c) Ele conseguiu emprego longe de casa.
- d) Ele morreu.
- e) Ele foi procurar emprego e não voltou.

10 – Onde está a narradora quando recorda de sua infância?

- a) Na varanda de sua casa na Rua Parque Quitandinha.
- b) Na varanda de seu apartamento na Rua Parque Quitandinha.
- c) Na varanda de seu apartamento na Avenida Rui Barbosa.

- d) Na rede da casa de sua mãe.
- e) Na calçada com as amigas de sua mãe.

6.5 ANÁLISE DOS DADOS

Antes de apresentarmos a análise dos dados é preciso lembrar que trabalhamos com textos escritos por alunos de 7º e 8º anos, que escreveram seus textos, do gênero Memórias Literárias, com base em uma entrevista feita a um morador do bairro, com o tema “O lugar onde vivo”, sugerido pela OLPEF. Logo, não se trata de um texto com muitos personagens e recategorizações, portanto nos limitamos a duas categorias: a) identificação do referente (substantivo ou pronome com função substantiva, o objeto do discurso) e b) percepção da caracterização do personagem (adjetivo ou comportamento que é possível atribuir ao substantivo por suas atitudes ou pelo contexto). Lembramos também que a escolha por esses textos deveu-se ao fato de querermos que o aluno se identificasse com os alunos escritores e assim se sentisse estimulado a escrever e a participar da OLPEF.

Para facilitar a compreensão, dividimos os dados em quatro tabelas: as duas primeiras estão destinadas à primeira atividade diagnóstica; sendo a primeira para identificação do referente e a segunda para percepção da caracterização do personagem no texto “Memórias inundadas no passado”. As duas últimas são destinadas à segunda atividade diagnóstica realizada com o texto “Uma saudade chamada ‘Quitandinha’”. Assim, a terceira tabela é sobre a identificação do referente e a quarta para percepção da caracterização do personagem nesse texto. Por fim temos a última tabela, que é uma comparação em porcentagem das anteriores e apresenta os resultados de nossa pesquisa.

Nas quatro primeiras tabelas, os alunos são representados pelas letras: A, B, C, D, E, F, G, H e I, colocados horizontalmente na parte superior, abaixo do título de cada uma. As questões estão dispostas do lado esquerdo na vertical. Foi colocado o número 1 na questão que o aluno acertou e em baixo tem o total de questões que cada aluno acertou e a porcentagem em relação ao total de questões aplicadas. Na última linha da tabela está a média em porcentagem dos alunos participantes da

pesquisa. Esta média foi lançada na última tabela e é na comparação destas porcentagens que é possível perceber o avanço na compreensão leitora dos alunos.

Tabela 1⁴ – Identificação do referente – Memórias inundadas no passado

Identificação do referente – Memórias inundadas no passado									
Aluno	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Questão									
1			1		1	1		1	1
2		1	1	1	1				1
3a	1	1	1	1	1		1	1	1
3b	1	1	1	1	1			1	1
3e	1	1	1	1	1		1	1	1
4a			1			1		1	1
4b			1		1			1	1
4c	1	1	1	1	1	1	1	1	1
4d		1		1	1			1	1
4e		1	1			1		1	1
6a				1	1		1	1	1
6b	1	1	1	1	1	1	1	1	1
6c	1	1	1	1	1	1	1	1	1
6d	1	1	1	1	1	1	1	1	1
6e	1	1	1	1	1	1	1	1	1
7	1		1	1	1	1		1	1
9a		1	1						
Total	9	12	15	12	14	9	8	15	16
Porcentagem	52,9%	70,6%	88,2%	70,6%	82,3%	52,9%	47%	88,2%	94,1%
Média de porcentagem = 71,87%									

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela anterior nos mostra que os alunos não possuem dificuldades em identificar os referentes. Os únicos itens que não foram respondidos adequadamente pela maioria foram 4a, 4b e 9a, descritas e comentadas abaixo:

4 a) O que reascende momentos inesquecíveis na memória do autor?

⁴ Todas as tabelas que ilustram esta seção foram elaboradas pela autora.

Trecho do texto: Meus olhos se enchem de lágrimas, quando me deparo com as fotos que reacendem em minha memória momentos inesquecíveis do meu passado.

Possível resposta: As fotos da antiga cidade de Itá, antes da inundação.

Respostas dos alunos: (A) “Lembrar que com a construção da barragem houve muito sofrimento”, (B) “A construção da barragem.”, (D) “Momentos inesquecíveis do meu passado”, (E) “Construção da barragem, houve muito sofrimento”, (G) “Minha submersa Itá, minha casa, meus vizinhos”.

Resposta adequada dada pelos alunos C, F, H e I: “as fotos”

Comentário: Os alunos que responderam de forma inadequada se orientaram pelo contexto, o adequado seria fazer uma releitura e identificar o referente ao qual o verbo está relacionado.

4b) O que parecia tremer de medo?

Trecho do texto: Eu trabalhava na imensa construção da Usina Hidrelétrica de Itá, enquanto minha mãe e minha esposa arrumavam as malas e tentavam pegar o máximo possível daquela casa de madeira que parecia tremer diante do que iria lhe acontecer.

Possível resposta: A casa de madeira na qual moravam o autor e sua família antes da inundação.

Respostas dos alunos: (A) “Tremia diante do que iria lhe acontecer”, (B) “Longeaus”, (D) “Diante do que iria lhe acontecer”, (F) “Madeira que parecia tremer”. (G) “Minha mãe, minha esposa arrumavam as malas.”.

Respostas adequadas dos alunos: (C e H) “A casa de madeira”, (E) “casa”, (I) “Casa de madeira”.

Comentário: Os alunos que responderam de forma inadequada copiaram trechos que estavam antes do verbo, sem prestar atenção ao termo ao qual ele se refere.

9 a) Quem respeitava os arquitetos?

Trecho do texto: O povo, indignado, de lá não queria sair, e grandes protestos faziam para se defender dos respeitados arquitetos que, em nome do progresso, planejavam e executavam a inundação das terras, casas, histórias etc.

Possível resposta: O senhor Clóvis e, provavelmente, os demais funcionários da construção da usina.

Respostas dos alunos: (A) “O povo”, (D) “Progresso”, (E) “Progresso e o povo”, (F) “O povo indigno”, (G) “O nome do progresso”, (H) “Eram respeitados pelo progresso”, (I) “(não respondeu)”.

Respostas adequadas dos alunos: (B) “o pessoal da usina”, (C) “Clóvis Hochwant”.

Comentário: Os alunos que responderam de forma inadequada não deram atenção ao fato de que admiração é uma atitude humana e de que não é possível admirar alguém que o está prejudicando.

Acreditamos que a facilidade para reconhecer o referente se deu em virtude da repetição do próprio nome ou da substituição por sinônimos. Por conseguinte, toda entidade referenciada é empregada sob a pressuposição de que de algum modo se tornará acessível na interação. Os tipos de suposição que o autor julga estarem representados na mente do interlocutor interferem diretamente nas escolhas dos processos referências que são considerados mais adequados a cada momento da enunciação e nos diferentes modos de expressá-los. De acordo com Koch (2002, p. 34), “os tipos de aceitabilidade mentais dos interlocutores aos diferentes referentes estariam relacionados aos diferentes sistemas de memória.”

Tabela 2 – Percepção da caracterização do personagem – Memórias inundadas no passado

Percepção da caracterização do personagem – Memórias inundadas no passado									
Aluno	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Questão									
5									
8				1				1	
9b			1			1			
10			1				1	1	1
Total	0	0	2	1	0	1	1	2	1
Porcentagem	0%	0%	50%	25%	0%	25%	25%	50%	25%
Média de porcentagem = 22,2%									

Fonte: Elaborada pela autora.

Por exigir maior habilidade de compreensão leitora, os alunos demonstraram uma grande dificuldade em responder as questões relativas à caracterização dos personagens como mostram os itens descritos e comentados abaixo:

5) Qual a intenção do autor ao resolver utilizar-se da prosopopeia?

Possível resposta: Ao transferir para seres inanimados as ações e reações das pessoas, ele camufla a culpa dos verdadeiros responsáveis pelo sofrimento causado à população da antiga cidade de Itá.

Respostas dos alunos A, B, E, G e I (nessa sequência): “Ele queria melhorar as coisas do povo da cidade”, “A água não foi carinhosa com os jogadores, se a água grande passa, mata tudo que pega.”, “surpreender o leitor”, “Pra intede do povo para o povo fazia nada”, “Era não espantar mais ainda os povos e fazer com que eles se acalmasse”, (os alunos **C, D, F** e **H** não responderam).

Comentário: Como funcionário na construção da usina, o senhor Clovis, de certa forma, contribuiu para a inundação da cidade e conseqüentemente para o sofrimento de sua população. Utilizando-se da prosopopeia ele demonstra inteligência e habilidade com as palavras.

8) O autor revela que trabalhava na construção da Usina Hidrelétrica de Itá e deixa claro que enquanto sua mãe e sua esposa arrumavam as malas e tentavam pegar o máximo possível da casa onde moravam, o povo não queria sair da cidade. É possível concluir que o autor e sua família tinham uma posição diferente dos demais moradores em relação à inundação da cidade? Explique sua resposta.

Possível resposta: Sim, como funcionário na construção da Usina, ele tinha interesse em executar o seu trabalho, conseqüentemente tinha interesse na inundação.

Respostas dos alunos: (A) “Não porque o morado não queria sair da cidade porque ele amava a cidade que morava.”, **(B)** “A minha resposta é que a mãe e a esposa não queriam deixa a casa eles tinha muita memorias boas no lar”, **(C)** “Não por que eles pensavam diferente das outras pessoas”, **(E)** “Por que eles sabiam que a inundação destrói tudo e não dava pra morá la mais na cidade”, **(F)** “Sim por que a casa deles eram de madeira por isso eles queriam sair logo.”, **(G)** “Porque elas siapronto para embora.”, **(I)** (não respondeu).

Respostas adequadas: (D) “Sim, proquê ele tenha como sair de sua cidade, proque ele trabalhava na construção da U. H de Ita”, (H) “eles tinha uma vida diferente dos demais porquê Ele trabalhava na usina Hidrelétrica”. (Apesar dos erros de escrita, as alunas demonstram compreender a posição do autor).

Comentário: Esta questão demonstra que os interesses de seu Clovis, embora fosse um morador e gostasse da antiga cidade de Itá, eram opostos aos dos demais moradores, assim, sua relação com a construção o caracteriza como um dos inimigos dos moradores.

9b) Se o autor tivesse usado o adjetivo “malditos” em vez de “respeitados”, o que mudaria na relação entre ele e o povo da cidade?

Trecho do texto: “grandes protestos faziam para se defender dos respeitados arquitetos”

Possível resposta: Eles estariam do mesmo lado, ou seja, contra a construção da Usina.

Respostas dos alunos: (A) “em ver de ele maldiser educasi ele”, (B) “bom eles ia fala respeitado para malditos e mudar o adjetivo do texto.”, (E) “os povo não ia faz protesto para se defender”, (G) “Porque ele tinha chance de embora”, (os alunos D, H e I não responderam).

Respostas adequadas: (C) “Ele pensaria igualzinho ao povo indignado.”, (F) “ o que iria mudar é que com a palavra respeito eles ficam por o arquitetos, e com a palavra maldito eles fica contra”. (Obs.: Não há preocupação com a grafia das palavras e sim com a compreensão do texto).

Comentário: Esta questão leva o aluno a perceber a posição do autor por sua escolha de palavras, a troca de adjetivos revela qual é a posição do autor em relação a construção da Usina.

10) - No trecho “Aos poucos, a água, como se fosse uma torcedora fanática, foi tomando conta do campo e, carinhosamente, expulsando os atletas. Foi com a água em seus joelhos que a partida acabou”. Se fosse substituído o advérbio de modo “carinhosamente” por “impiedosamente”, poderíamos afirmar que um sentimento de nostalgia presente no texto seria substituído por qual sentimento?

Possível resposta: Seria substituído por um sentimento de revolta e sofrimento.

Respostas dos alunos: (A) “Carinhozo para ser educado ir sugio carinhosamente”, (B) “por cauzo de uma coiza que ajente ama muito faze acabam por um acidente”, (F) “tipo por pena q quela água ta tomando de conta de tudo”, (os alunos D e E não responderam).

Respostas adequadas: (C) “Desespero”, (G) “Pra raiva da água entrar no campo e acabar a partida de futebol”, (H) “Sentimento de dor, sentimento de tristeza e indignação”, (I) “Sentimento de indignação, raiva”.

Comentário: Nessa questão é possível perceber que a troca do advérbio “carinhosamente” por “impiedosamente” muda o posicionamento do autor em relação aos fatos ocorridos na cidade.

Tabela 3 – Identificação do referente – Uma saudade chamada “Quitandinha”

Identificação do referente – Uma saudade chamada “Quitandinha”									
Aluno	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Questão									
1			1	1			1	1	1
4		1	1	1	1	1		1	1
5		1	1		1	1		1	1
6	1	1	1	1	1	1	1	1	1
7		1	1	1			1	1	1
Total	1	4	5	4	3	3	3	5	5
Porcentagem	20%	80%	100%	80%	60%	60%	60%	100%	100%
Média de porcentagem = 73,3%									

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 3 confirma que os alunos não apresentam dificuldade em identificar o referente.

Tabela 4 – Percepção da caracterização do personagem – Uma saudade chamada “Quitandinha”

Percepção da caracterização do personagem – Uma saudade chamada “Quitandinha”									
Aluno	A	B	C	D	E	F	G	H	I

Percepção da caracterização do personagem – Uma saudade chamada “Quitandinha”									
Questão									
2	1		1	1		1	1	1	1
8	1	1	1		1	1		1	
9	1	1	1	1	1	1	1	1	1
10	1	1	1		1	1		1	1
Total	4	3	4	2	3	4	2	4	3
Porcentagem	100%	75%	100%	50%	75%	100%	50%	100%	75%
Média de porcentagem = 80,55%									

Fonte: Elaborada pela autora.

O fato do último questionário ter sido totalmente objetivo pode ter facilitado as respostas corretas dos alunos, mas não invalida nossa pesquisa porque ficou evidente a satisfação deles em compreenderem melhor os textos e este foi nosso objetivo.

De acordo com Cavalcante (2013, p. 56): “Dizer algo e nomear os referentes envolve, assim, um contínuo processo de desestabilização do que poderia parecer comum ou inquestionável para qualquer pessoa”. Eis por que os participantes da enunciação cooperam para que, em alguma medida, os sentidos e a referência se estabilizem o suficiente para que os propósitos da comunicação sejam alcançados.

Tabela 5 – Quadro comparativo entre as atividades realizadas

Quadro comparativo	
Atividade diagnóstica 1	Atividade diagnóstica 2
Identificação do referente = 71,87%	Identificação do referente = 73,3%
Percepção da caracterização do personagem = 22,2%	Percepção da caracterização do personagem = 80,55%

Fonte: Elaborada pela autora.

Pelo quadro comparativo é possível perceber uma pequena melhora na habilidade de identificação dos referentes do texto e um acentuado crescimento na habilidade de percepção da caracterização dos personagens, o que torna válida a nossa pesquisa e nos confirma a importância do estudo das estratégias de

referenciação para a compreensão leitora. Tal relevância é enfatizada por Cavalcante (2013, p. 78) quando afirma: “Os significados das formas da língua constituem apenas um dos componentes dos sentidos, ou da coerência, que os participantes da enunciação constroem em cooperação”. Ou seja, eles servem de pistas, de indícios, de cadeias, de trilhas não somente para a constante reelaboração dos sentidos, mas também para a progressão das referências de um texto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referenciação é um mecanismo de textualização, responsável pela construção dos sentidos e pela progressão temática. Para Koch (2015), a “referenciação e a progressão referencial consistem na construção e reconstrução de objetos de discurso” (p. 66 e 67), constituindo, assim, uma atividade discursiva. Os referentes constroem-se e reconstroem-se no próprio processo de interação. Para que o texto progrida, é necessário o uso das estratégias de referenciação, que são determinantes para a construção de sentido dos textos.

O que se observa através da prática docente é que os alunos, em grande parte, não costumam fazer uso dessas estratégias de referenciação, por isso, é grande a dificuldade de compreensão e interpretação de textos pelos alunos, especificamente, na EJA Jovem IV. Os conceitos básicos de referenciação e principalmente, os processos referenciais de retomada, como a anáfora, não são abordados com frequência nas aulas de Língua Portuguesa. Assim, sem acesso a esses conhecimentos, a construção de sentidos dos textos não é efetivada e, conseqüentemente, perde-se o gosto pelas atividades de leitura e interpretação de textos.

Nesse contexto, partindo do pressuposto de que a referenciação é essencial para o processo de compreensão leitora, buscou-se responder às seguintes questões: i) Que os processos referenciais são utilizados pelos alunos na construção de sentidos dos textos da esfera do narrar? ii) Que atividades com estratégias de referenciação podem detectar a construção dos referentes aos personagens que minimizem as dificuldades de compreensão de gêneros narrativos?

Entendemos, também, que o reconhecimento das expressões linguísticas que retomam o referente é fundamental para a compreensão dos gêneros narrativos, como também que os processos referenciais colaboram para a coesão e coerência nos textos da esfera do narrar. Em virtude disso, escolhemos trabalhar com o gênero Memórias Literárias por acreditarmos ser um estímulo para que os alunos participem das OLPEF e este estudo os ajuda a compreender melhor as características do gênero, além disso, como os textos são baseados no relato de pessoas que falam de suas próprias vidas, a referenciação leva os alunos a terem um posicionamento crítico sobre o ponto de vista do entrevistado e mostra que o interessante nem sempre é o

que está escrito, mas o que é possível inferir, ou como reagimos – as vezes até sem perceber – diante de determinados textos.

A nossa pesquisa mostrou-se importante por ser uma contribuição para facilitar a compreensão e a criticidade da leitura de Memórias Literárias, principalmente em um momento em que é denunciado pela mídia o grande número de analfabetos funcionais entre os jovens brasileiros. Constatamos, por exemplo, que quando o referente é recuperado pelo leitor, a leitura acontece de forma mais satisfatória, pois os alunos fazem movimentos de idas e vindas e compreendem melhor como os referentes são retomados e recategorizados ao longo do texto. Desse modo, o processo de interpretação de um texto, para o autor, seria, em si mesmo, uma atividade sociocognitiva, que não consiste simplesmente “em localizar um segmento linguístico dentro do texto, mas ainda em identificar pistas linguístico-textuais que estabeleçam ligações com informações que se encontram na memória discursiva de uma comunidade.

Neste trabalho, uma proposta de intervenção pedagógica com os processos referenciais foi construída e aplicada em uma turma da EJA Jovem IV, correspondente aos anos 6º e 7º do ensino fundamental, de uma escola pública municipal de Fortaleza, com o objetivo de contribuir para a construção de sentidos no gênero Memórias Literárias. A intervenção foi composta por cinco textos, dos quais quatro fazem parte da coletânea de vencedores da OLPEF de 2016 e entre estes estavam os de alunos de nossa cidade. A escolha por textos de alunos, além da motivação “conhecer para participar”, também visou que fossem adequados ao nível do conhecimento dos participantes na nossa pesquisa. Fizemos um quadro comparativo das respostas dos alunos, no início e no final da intervenção, que mostra uma melhora na habilidade de compreensão leitora e percepção do ponto de vista dos entrevistados. Assim, temos a pretensão de que o nosso trabalho possa servir de modelo para que os professores trabalhem os processos referenciais dos diversos textos estudados em sala de aula e como estímulo para pesquisas com outros textos e gêneros.

Sabemos que ainda há muito a ser feito para melhorar a compreensão leitora dos alunos e esperamos que este trabalho possa servir de estímulo para professores e pesquisadores que queiram se aprofundar no estudo da referenciação como forma de ampliação dessa habilidade, tanto em textos de Memórias Literárias

quanto outros gêneros também contemplados na OLPEF, como a crônica e o artigo de opinião.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. G. S. **Uso do imperfeito do indicativo e de perífrases imperfectivas de passado em memórias literárias produzidas por alunos de escolas públicas brasileiras**. 2015. 155 f. Tese (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/13198>>. Acesso em: 28 outubro 2016.

ALTENFELDER, A. H.; CLARA, R. A. **Se bem me lembro...** São Paulo: Petrópolis, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa: 1º e 2º ciclos**. Brasília: MEC, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa: 3º e 4º ciclos**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Brasil no PISA 2015: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros / OCDE-Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

_____. **Projovem Urbano**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica/programas-e-aco-es>>. Acesso em: 22 março 2016.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. PRADIME: Programa de Apoio aos Dirigentes Municipais de Educação. **Marcos Legais da Educação Nacional**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2007.

_____. **Olimpíada de Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/>>. Acesso em: 2 janeiro 2017a.

_____. **Olimpíada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/olimpiada-de-lingua-portuguesa>>. Acesso em: 2 janeiro 2017b.

CAVALCANTE, M. M. Leitura, referenciação e coerência. In: ELIAS, V. M. (org.). **Ensino de língua portuguesa - oralidade, escrita e leitura**. São Paulo: Editora Contexto, 2011. v. 1. p. 183-195.

_____. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p.119-183

_____. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO; V. Revisitando o estatuto do texto. **Revista do Gelne**, Teresina, v. 12, n. 2, p. 56-71, 2010.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

COSTA, M. H. A. Linguagem como interlocução e aprendizagem como cognição situada. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 151-167, 2010.

_____. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

COSTA, M. A. H.; CAVALCANTE, M. M. Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; LEITE, R. L. (org.). **Linguística-teses e dissertações**. Fortaleza: Edições UFC, v. 4. p. 01-214, 2009.

COSTA, M. H. A.; MONTEIRO, B. C. B.; ALVES, L. E. P. Ensino de leitura na perspectiva do texto como evento: o desafio de fazer emergir o sentido. **Revista Diadorim**, v. 2, n.18, p. 42-66, 2016.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Expressões referenciais em textos escolares: a questão da (in)adequação**. 186 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

_____. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 2011. 330 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2002;

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, I.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto. 2006.

MARCUSCHI, E. A escrita do gênero memórias literárias no espaço escolar: desafios e possibilidades. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v.2, n.1, p. 47-73, julho 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

OLIVEIRA, J. B. A.; CASTRO, J. C. J. **Usando textos na sala de aula: tipos e gêneros textuais**. 3. ed. rev. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2008. (Coleção ABCD).

OLIVEIRA-NASCIMENTO, S. S. **A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais**. 2014. 150 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS PROCESSOS REFERENCIAIS AOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Pesquisador: TANIA TORRES DA COSTA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 79264017.0.0000.5534

Instituição Proponente: Centro de Humanidades

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.468.765

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa-ação na qual a coleta de dados será feita pelo professor pesquisador, em sua sala de aula, por meio de atividades desenvolvidas com os alunos. Nesse processo, alunos e professores serão sujeitos da pesquisa. A finalidade é desenvolver a competência leitora para alunos da EJA jovem IV, da cidade de Fortaleza, que desejem participar da Olimpíada de língua portuguesa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário:

Investigar como o trabalho com os processos referenciais contribui para a construção de sentidos na leitura do gênero textual Memórias Literárias por alunos da EJA Jovem IV de uma escola pública de Fortaleza.

Objetivos secundários:

- Verificar como os alunos da EJA Jovem IV fazem a identificação e a retomada dos referentes no gênero textual Memórias Literárias através de uma atividade diagnóstica;
- Analisar até que ponto o ensino das estratégias de referência textual possibilita a reflexão sobre os processos de continuidade e progressão textual na construção de sentidos dos textos;
- Elaborar uma proposta de intervenção com estratégias de referência, criando situações para que o aluno amplie a construção de sentidos em textos de memórias literárias.

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



Continuação do Parecer: 2.468.765

Folha de Rosto	rosto_tania.pdf	15/09/2017 17:47:23	TANIA TORRES DA COSTA	Aceito
----------------	-----------------	------------------------	--------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

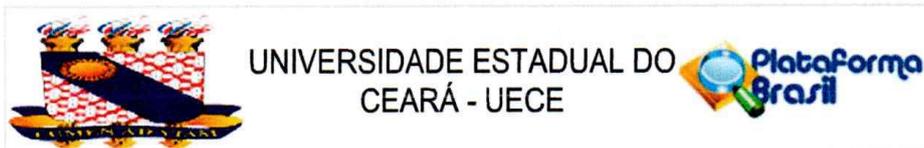
Não

FORTALEZA, 17 de Janeiro de 2018

Assinado por:

ISAAC NETO GOES DA SILVA
(Coordenador)

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700
 Bairro: Itaperi CEP: 60.714-903
 UF: CE Município: FORTALEZA
 Telefone: (85)3101-9890 Fax: (85)3101-9906 E-mail: cep@uece.br



Continuação do Parecer: 2.468.765

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Percebe-se que os riscos e benefícios estão descritos e o pesquisador apresenta formas de contorná-los. Acredita-se que os benefícios da pesquisa superam os riscos descritos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante, buscando melhorias para o ensino da língua portuguesa por meio do desenvolvimento da competência leitora dos alunos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta de forma adequada os seguintes termos: Termo de consentimento livre e esclarecido, termo de assentimento, folha de rosto, carta de anuência, orçamento e instrumento de coleta de dados. A pesquisadora apresenta o cronograma, no entanto não está explicitado o período de submissão ao CEP.

Recomendações:

Atualizar o cronograma e incluir o período de submissão ao CEP.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto não apresenta pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após análise do projeto, optou-se por considerá-lo aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_971966.pdf	24/10/2017 07:42:24		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_consentimento_pais_tania.odt	15/09/2017 18:03:24	TANIA TORRES DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_assentimento_estudante_tania.odt	15/09/2017 18:02:35	TANIA TORRES DA COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_anuencia.pdf	15/09/2017 17:58:08	TANIA TORRES DA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_completo.odt	15/09/2017 17:53:24	TANIA TORRES DA COSTA	Aceito

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br

ANEXO B – Folha de rosto para pesquisa envolvendo seres humanos

 **MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP**
FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: OS PROCESSOS REFERENCIAIS AOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 20			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 8. Linguística, Letras e Artes			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: TANIA TORRES DA COSTA			
6. CPF: 242.095.703-20		7. Endereço (Rua, n.º): PADRE CICERO 1645 PARQUE ALBANO (JUREMA) CAUCAIA CEARA 61645190	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 85996687419	11. Email: taniatorresdacosta@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> <p>Data: <u>14, 09, 2017</u> <u>Tânia Torres da Costa</u> Assinatura</p>			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ FUNECE		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Centro de Humanidades
15. Telefone: (85) 3101-9600		16. Outro Telefone:	
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Responsável: <u>Adriane Marie Duarte Bares</u> CPF: <u>383 427 663 -49</u></p> <p>Cargo/Função: <u>Diretora do CH</u></p> <p>Data: <u>14, 09, 2017</u> <u>Adriane Marie Duarte Bares</u> Assinatura</p>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
<p>Prof.ª MS. Adriane Marie Duarte Bares Diretora do Centro de Humanidades UECE-CH</p>			
Não se aplica.			

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de consentimento



**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Universidade Estadual do Ceará – UECE
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos Pais**

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa OS PROCESSOS REFERENCIAIS AOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS.

O objetivo deste estudo consiste em investigar como o trabalho com os processos referenciais contribui para a construção de sentidos na leitura do gênero textual Memórias Literárias. Caso você autorize, seu filho(a) irá participar de cinco atividades de leitura de textos do gênero Memórias Literárias. Irá também responder a cinco exercícios de compreensão que serão realizados ao final de cada atividade de leitura.

A participação dele(a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em que ele(a) estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele(a), porém se ele(a) se desinteressar poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com a pesquisadora/professora sobre o assunto.

Não haverá custos nem remuneração pela participação. A participação dele(a) poderá contribuir para ampliar sua capacidade de compreensão leitora. As respostas de seu filho(a) não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação do aluno. Além disso, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone da pesquisadora principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Eu, _____ (nome do pai, da mãe ou do responsável) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do meu filho(a) _____

(nome do/a filho/a), portanto

() aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe

Fortaleza, _____ de _____

Assinatura do responsável ou representante legal

Pesquisadora/Professora: Tânia Torres da Costa (Contato: taniatorresdacosta@gmail.com
Telefone: (85) 99668-7419

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE funciona na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, email cep@uece.br. Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

APÊNDICE B – Termo de assentimento a estudantes.



**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Universidade Estadual do Ceará – UECE
Termo de Assentimento a Estudantes**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa OS PROCESSOS REFERENCIAIS AOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS.

O objetivo deste estudo consiste em investigar como o trabalho com os processos referenciais contribui para a construção de sentidos na leitura do gênero textual Memórias Literárias. Caso você autorize, você participará de cinco atividades de leitura de textos do gênero Memórias Literárias. Irá também responder a cinco exercícios de compreensão que serão realizados ao final de cada atividade de leitura.

A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com a pesquisadora ou com a escola em que você estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da sua participação, porém você pode sentir algum desconforto, dificuldade ou desinteresse. Caso sinta algo desagradável poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com a pesquisadora/professora sobre o assunto.

Você não receberá remuneração pela participação. Em estudos parecidos com esse, os participantes gostam de participar e a sua participação poderá contribuir para ampliar sua capacidade de compreensão leitora. As suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a sua identificação. Além disso, você está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone da pesquisadora principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Eu, _____ (o/a participante coloca o nome) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação, sendo que:

- () aceito participar
() não aceito participar

Fortaleza, _____ de _____

Assinatura do/a estudante

Pesquisadora/Professora: Tânia Torres da Costa (Contato: taniatorresdacosta@gmail.com
Telefone: (85) 99668-7419

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE funciona na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, email cep@uece.br. Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

APÊNDICE C – Termo de anuência.



ESCOLA MUNICIPAL DOLORES ALCÂNTARA
 Rua Cardeal Arcoverde, s/n – Autran Nunes – Fortaleza, Ceará - CEP- 60526-400 – FONE (85) 3488-3264
 E-mail: doloresa@escola.sme.fortaleza.ce.gov.br

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, Erika Vanessa dos Santos Silva, diretora da Escola Municipal Dolores Alcântara, autorizo a realização da pesquisa “OS PROCESSOS REFERENCIAIS AOS PERSONAGENS E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NO GÊNERO MEMÓRIAS LITERÁRIAS”, a ser realizada pela professora/pesquisadora Tânia Torres da Costa, com início previsto para o segundo semestre de 2017, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UECE. A previsão para término desta pesquisa é dezembro de 2017.

Autorizo a pesquisadora a utilizar o espaço da Escola Municipal Dolores Alcântara para a realização de intervenção pedagógica, através de realização de atividades de leitura e resolução de exercícios durante as aulas da disciplina de língua portuguesa. Afirmo que não haverá nenhuma implicação negativa aos pais que não autorizem a participação de seu filho(a) ou alunos que não queiram ou desistam de participar do referido estudo.

Fortaleza, 11 de setembro de 2017.


 Direção Escolar

ESCOLA MUNICIPAL
 DOLORES ALCÂNTARA
 Rua Cardeal Arcoverde, S/N - Autran Nunes
 CNPJ: 01.862.020/0001-34
 INEP: 23067977
 Fone: 3290.5346